

[TT00067]

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

Roberto, Athayde

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

Prologo

A REABILITAÇÃO

(CRIME E IMPUNIDADE)

Tragicomédia de Costumes

de Roberto Athayde

PERSONAGENS

AURORA : Senhora moderninha com três filhos que pensa que já criou. Atualmente fazendo mestrado de antropologia no Museu.

XARÁ : Jovem fascínora de 17 anos no primeiro ato e 18 no segundo, depois de sua reabilitação na Europa. Boa pinta, forte e extremamente masculino.

ALBERTO : Controvertido crítico teatral. Meia idade e de origem abastada.

PORTEIRO : Porteiro do edifício onde mora Alberto. Simpático e respeitável, ele é obviamente o mais velho do elenco.

O PÚBLICO E A FITA : No primeiro ato a platéia representa uma multidão que deseja linchar o personagem Xará por ter atirado a bomba que matou uma mulher e mutilou e cegou um rapaz. Para isso existe a FITA, um alto-falante colocado no fundo da sala que produz o vozerio e os gritos da multidão perdurando inexoravelmente por todo o primeiro ato. "

Ato 1

Ato 1

CRIME

"A mão que fere, o ferro que agrilhoa
Obstáculos não são que amor não vença "

Ana Amélia

CENÁRIO: Uma modesta academia de balé com grande espelho ao fundo e barra em volta, inclusive na boca de cena de maneira a poder servir de parapeito das janelas imaginárias que dão sobre a rua onde se encontra a multidão de linchadores, o público. Num canto há uma velha bolsa de carregar malhas e sapatilhas, certamente esquecida por alguma aluna. Em algum lugar da barra está um tutu cor-de-rosa bastante batido, pendendo. Num canto há também um pouco de areia do tipo usado por bailarinos para as sapatilhas. Ao fundo o cenário é dominado por um grande póster da Pavlova no segundo ato de ' Giselle' ou da Makarova no ' Pássaro de Fogo' ou ainda, em versão mais comercial, do Barishnikov, no ar, em ousado grand jeté como ' Le Corsaire'.

(O espetáculo tem início com pavorosa explosão que, apesar de acontecer no prédio ao lado, deve ser bastante forte para inquietar os expectadores e estremecer a estrutura do teatro causando os primeiros problemas na produção. A FITA dá continuidade imediata à bomba com a trilha sonora da polvorosa que se seguiu no prédio ao lado e os gritos crescentes de todos quantos já viram e desejam linchar o terrorista. Entra Xará com a submetralhadora numa mão mirando paranoicamente nas pessoas e ao mesmo tempo arrastando Aurora como refém. Essa entrada acontece pelo lado do público)

AURORA : (histérica, urrando) Socorro ! Não faz isso, pelo amor de Deus ! Aiiih ! (enquanto arrastada em direção ao palco. Aurora, desesperada , se agarra na perna de um expectador-linchador) Me ajuda ! Socorro !

XARÁ : (furioso, levantando o braço ameaçadoramente para o expectador) Sai, otário ! Ou quer morrer também? (Ele arranca Aurora em direção ao palco)

AURORA : (histérica) Me solta ! Ai meu Deus do céu !

XARÁ : (arremedando, voz fina) ' Ai meu Deus do céu ! ' (com voz grossa) Sou eu filhinha, toma essa ! (dá-lhe um golpe leve com a palma aberta e as pontas dos dedos unidas a la karatê)

AURORA : (urrando) Aaiih ! Socorro ! SOCORRO !

(a FITA com os urros do público-linchador aumenta como se a multidão estivesse prestes a agarrar o fascínora)

XARÁ : (para o público, muito agressivo) Bunda-mole ! Mato vocês é de porrada, não dá nem pra gastar munição ! (mostrando a submetralhadora) Aqui ó, tem mesmo é que explodir pelos ares essa bosta aí, não vai sobrar porra nenhuma !

AURORA : (já no palco, por entre os urros da fita-público, aos gritos pungentes) Me solta ! Piedade ! (tentando uma atitude mais corajosa, enérgica) Me solta, pó !

XARÁ :(agressivo) Apaga, canhão ! (olhando bem para Aurora) Puta que pariu ! Em vez de pegar um brotinho maneiro pra refém, olha só o que eu fui arrumar: coroa, dragão da porra !

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

Eu não sou São Jorge não, hein ô, coroa, não sou São Jorge não ! (metendo a mão nos peitos de Aurora) Hmmm! Humm!

AURORA: (enérgica) Não, não, tira o mãozão, cara, que eu quero te fazer uma pergunta, vai ser só uma...

XARÁ : (interrompendo, chegando mais) Hmmm, mulé escrota mas numa emergência, nê... (ele aperta o bico do seio dela sempre com a submetralhadora na outra mão)

AURORA : (perde a cabeça, dá-lhe um empurrão, gritando) Me solta, assassino!

(No que Aurora se afasta e Xará vai voltar para revidar a FITA com os gritos dos linchadores em potencial aumenta sensivelmente)

AURORA (aproveitando o ensejo) Olha aí, garoto, você é uma criança: o perigo que você tá correndo ! É a polícia, você matou gente: eles vão te linchar. ..

XARÁ : (esquecendo Aurora, de submetralhadora em punho, para o público) Bunda-moles! (berrando) Vem! Passo fogo na cara de quem entrar nessa pota, bosta ! Bundão! Não morreu na bomba vai no berro, estrebucho a cara logo ! (para Aurora) Te arrebento na frente do primeiro que entrar aqui, viu putona ! E se for polícia ainda vou cuspir na cara: mijar na cara !

AURORA (acuada contra a barra no fundo do palco) Calma, cara! Não adianta nada ficar nervoso. Pensa na tua situação ! (fora de si) Pelo amor de Deus !

XARÁ : (agressivo) Pelo amor da puta que pariu! Vai calando a boca que eu te arrebento toda, porra! Tá sabendo qual é ?

AURORA: (agressiva) Não é isso não, ô carinha.. Não é nada disso não! (apontando para o público cuja FITA urra 'Lincha' com grande realismo) A realidade tá aí pra você enfrentar, tá sabendo? Tá aí fora te esperando, tá ouvindo? (enquanto Xará se reaproxima dela. Aurora tenta faze-lo voltar a atenção para a multidão lá fora) Tá ouvindo bem o que eles tão gritando? Cara, eles vão te linchar, você não tá entendendo não?

XARÁ : (furioso) Me linchar? Eu, Xará? Eu sou é home, putona! Dragãozão de uma figa! Já bati em sete, tá sabendo? Tudo armado de faca, não é essa bostalhada de comedinha da ordem dos advogados do doutourzinho de merda! Passo é tiro por dentro da cara ! Tiro não, é bomba mesmo, pra matar logo tudo e resolver a cidade de merda: da porra de vocês!

(Enquanto Xará se aproxima ainda mais. Aurora tenta mais uma vez faze-lo dar atenção ao público)

AURORA : (enfática) Olha aí, cara, tem alguém entrando aí.. Ai meu Deus do céu, não faz jorrar mais sangue ! (XARÁ se volta mais uma vez para o público com a submetralhadora em riste. Aurora o agarra por trás, patética) Não faz mais sangue, não vai matar mais ! Eu vi os pedaços, cara, eu tava lá dentro, eu não sou advogada, cara: eles são inocentes !

XARÁ : (dando um tranco forte em Aurora sem deixar de mirar no público) Sai, buceta !

AURORA : (Prostrada aos pés do jovem fascínora) Foge, garoto: Você tem o mundo todo na sua frente, o futuro... (Ela chora pungentemente enquanto Xará se aproxima do público mirando e espreitando)

XARÁ : (mirando em direção ao fundo da sala) Bando de viado !

AURORA : (chorando no chão no centro do palco) Me dá esse revolver, garoto ! Você não pode ser assassino, cara...

(XARÁ, talvez comovido pelas lágrimas de Aurora para de mirar no público e se reaproxima

dela. Nesse momento, na FITA, ouvem-se com clareza gritos referentes a alguém que tentaria invadir a academia de balé. AURORA, ainda no chão, para de chorar para prestar atenção aos gritos. Xará se volta para o público novamente mas logo prefere ignorar a multidão e dá-lhe as costas com desprezo para se reaproximar de Aurora)

FITA: (voz de mulher sobressaindo histérica) Não vai lá ! A refém, porra ! Ele pegou uma mulher: (coro aos urros) Lincha ! Pega ! Morte ao assassino ! (mesma voz de mulher em urro pungente) Existe uma refém ! Pega ele ! Não deixa ele ir ! (a multidão aos urros) Deixa ele ! Lincha ! Vai fundo ! Mata a besta humana !

XARÁ : Tu quer o revolver,né canhão? (se agachando ao lado dela brincando com a submetralhadora) Submetralhadora: E pra fazer o que com ela, posso saber isso ou não?

AURORA : (pungente) É pra eu me matar, cara. Eu não aguento mais.

XARÁ : (passando a mão na cabeça de Aurora, primeiro só a mão livre, apertando como quem examina uma mercadoria e logo dando pancadinhas como quem acaricia um cavalo, depois usando as duas mãos com a submetralhadora pendurada no dedo mínimo) Não aguenta mais...? O que que tu não aguenta mais?

AURORA : (usando a presença de espírito que lhe resta) Esse mundo que tá aí, garoto ! Você podia ser meu filho. Você sabe disso melhor do que eu.

XARÁ Eu sei porra nenhuma, (enfiaando a mão por entre as pernas de Aurora que o impede) Hummm, xoxotinha né...

AURORA : (histérica) Sai !

XARÁ : (levantando-se e tentando levantar Aurora) Levanta, para de chorar!

(Aurora tenta se desvencilhar de Xará que dá-lhe um empurrão e se volta para o público enquanto Aurora cai pela segunda vez. A FITA aumentou sensivelmente durante as últimas três falas)

XARÁ : (submetralhadora em punho, berrando para o público) Vão ficar aí quanto tempo, bando de bunda-mole? ! Cadê o otário que vai subir aqui? Não vai chamar os home não, ô babacas?! Comedinha da porra ! Proletário bunda suja do caralho !

(Enquanto Xará ameaçava a platéia. Aurora se levantou e enterrou a cara nas mãos como que para concentrar a energia)

AURORA : (de repente enérgica, berrando para Xará) Para com isso ! Otário é você, merda ! Otário é você que tá aqui dentro preso, coagindo porque eu sou mulher ! Se eu fosse homem já tinha te matado porque você não tá com nada não, ouviu bem? (Xará se volta lenta e ameaçadoramente para ela. Aurora tenta dosar sua raiva pois as palavras são sua única arma) Tá pensando que eu tou com medo? Eu tou com medo sim mas não existe mais, seu bosta, porque você já explodiu a porcaria toda. (Xará se aproxima dela caminhando como um monstro de desenho animado. Aurora se desvia dele e vai para frente apontar para o público) Você tá pior que eles, tá sabendo? Você cagou em cima deles, dos parentes deles e você...

XARÁ : (interrompendo, agressivo) Caguei mesmo pros parentes deles... Eu quero mais sabe o que é?

AURORA : (interrompendo aos berros) Eu vi ! Eu vi, cara, os pedaços: eu tava na sala ao lado da bomba... (histérica) Eu vi braço, vi perna perdida ! Que você fez, isso, caiu todo o mundo daquelas pessoas, ali, dentro da burocracia ! Se você pensa que só porque...

XARÁ : (interrompendo, solene, com enorme intensidade) Olha, você me feriu quando você

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

disse caiu o mundo deles: eu vou ser franco, eu vou me abrir contigo, coroa: mas se tu me trair eu já sei que eu tenho que te matar mesmo, te eliminar: eu sou comunista, aí !

(AURORA estarecida fita XARÁ que está como a estatus da sua própria causa de rapaz confuso que dispõe de grande força e energia. Depois de uma pausa Aurora explode em lágrimas. Enquanto AURORA chora pungentemente a FITA, que havia baixado a seu nível mínimo começa a aumentar novamente e alguns gritos são ouvidos com clareza)

FITA : (coro) Covarde! Covarde ! (com ritmo em coro) Covarde sai daí, Covarde sai daí, Covarde sai daí !

(Com incrível e digníssima lentidão. Xará se aproxima de Aurora que já parou de chorar. Mas logo se volta para fitar o público de maneira épicamente orgulhosa e aí, virando só a cabeça para Aurora, ordena)

XARÁ : (seca e afetuosamente) Vem cá.

FITA : (sobressaindo em tom escarnecedor, voz fina de bicha) Sai, covardão ! Covardã-ão !

XARÁ : (furioso) Filho de uma puta ! (olhando e mirando por entre o público como que buscando o objeto de sua raiva) Viado ! Muito do viado !

FITA : (a voz cristalina, provocadoramente cantarolante) Co-var-de ! Vem pra cá, vem !

XARÁ : (assumindo uma postura combativa, talvez mesmo descendo ao auditório como quem pretendesse bater na platéia, odiento) Eu cerco, pode deixar. Eu cerco, responsabilidade. Pode não ser agora nem aqui. (voltando na direção de Aurora, resmungando em outro tom) Pego é de muita porrada na viadada. Só quero ver quem vai ser o primeiro. Vai pé na cara no ato. (fazendo uma atitude de capoeira, para Aurora) Sou capoeira sério, mãezinha. Sou mais eu ! Qual é? Sou mais o papai, não é não?

FITA : (no meio do vozerio, com clareza) É a polícia !

AURORA : (angustitada) Olha aí, menino, é a polícia ! Vai ter tiroteio, você não pode, cara, não deve nem pensar: pelo amor de Deus nem pensar...

XARÁ : (cruel) Apaga, dragão. Apaga que tu não tá me enganando não. Tu é mais burguesa que o cú da ordem dos advogados. Tu é pior que advogada, tu é multinacional, tu é mais bosta que a dona aí da corrupção ! Tu sabe falar enrolado porque tu gosta de pobreza pra falar difícil da miséria dos outros ! (arremedando, voz fina) 'Olha aí menino, lá vem os home, vai ter tiroteio..' (voz grossa, apontando o público) Caguei pra putada de bundão ! Na hora agá, quando chega a hora da porrada mesmo aí já acabou a munição, é murro nos dente, é o peso na cara do otário, vai atirar pra buscar o tanque de guerra, ali, blindado mas não tem ! (delirante) Não tem home nessa porra e não tem arma que chegue que não adianta ! Eu quebro a f uca e não adianta merda nenhuma: na hora agá vira tudo viado. Sou é home, mulézinha..! (mostrando a submetralhadora) Sou rápido e o berro aqui é muito meu ! (apertando a submetralhadora contra o peito) Amiga do meu peito! Tem presentinho pra todo mundo aqui dentro dela. Cheguei primeiro, coroa.E pode cortar a onda de política pra cima de mim! (arremedando) 'Olha aí, menino..' Olha aí digo eu: esquece que eu te disse alguma coisa! Tu é mais burguesa que o cocô do presidente da Califórnia! E eu fui me abrir contigo! Mulé feia é isso: é a titia ! Puta merda, eu não sou São Jorge ! (voltando os olhos para os céus) Meu Deus, eu sou teu santo mas não sou São Jorge, (começando a apalpar e agarrar Aurora) Olha aí ! Carne de dragão, olha só...

AURORA (tentando ativar a consciência política de Xará e desvencilhar-se dele) Você sabe começar mas não disse nada, garoto. E sabe por que que é? Porque é fedelho metido a

valentinho. Treze anos de idade, não tem um pelo nem vergonha na cara!

XARÁ : (furioso) Eu tenho desessete anos! Vou te dar uns tabefes, mãezinha!

AURORA : (furiosa) Sai! (dá um empurrão forte em Xará) Cresce, cara ! Você é bruto mas fica grande ! Tem que crescer na maturidade! Sem isso não tem política, babaca! É a noite na tua cabeça! Quer jogar bomba? Cresce primeiro! Aí vai me dizer. Pensa que eu não sei dizer palavrão? Eu te compreendo, caralho ! E pensa que eu vou te ensinar? Que eu vou ser tua mãezinha? Caguei também! Você matou, cara, e eu não vou acreditar na tua política ! Eu tenho meus próprios filhos: tenho uma vida, minha!

XARÁ : Como é teu nome, coroa?

(Longa pausa)

AURORA : Aurora.

XARÁ : (começando a cantar) Se você fosse sincera ôôôô.... Aurora... Veja só que bom que era... (rindo muito, palhaço) Um apartamento com porteiro elevador, ar condicionado para os dias de calor... (rindo muito)

AURORA : Qual é a graça, hein, que a palhaça aqui não entendeu?

XARÁ : (acabando de rir, eufórico, jogando a submetralhadora para o alto e colhendo-a na mão) Então você é a tal da Aurora, aquela que não soube ser sincera... (Rindo muito com franquesa e alegria)

AURORA : (danada) Olha, essa Aurora daqui, cara, é sincera bastante pra te dizer, ouviu bem? Porque quem já...

XARÁ : Quem já o que?

AURORA : (irritada) A razão, garoto. A motivação, a razão da... da maneira... O fato político, entende, pra resumir pra você. (ganhando alento na esperança de capturar a atenção do fascínora) Porque isso, nessa única coisa eu admito que você chegou primeiro e boto a minha mão na palmatória. Você se abriu comigo porque quiz : você botou teu trunfo na mesa !

XARÁ : (fascinado) Que trunfo?

AURORA : Você definiu diretamente o que você é. Você não soube ou não quis camuflar o fato que você... Enfim, você falou que você pertencia...

XARÁ : (agressivo) Aonde que tu tá querendo chegar, hein ô?

AURORA : (agressiva) Agora sou eu que vou me abrir, cara ! Eu também tenho minhas cartas pra botar na mesa !

XARÁ : (curioso) E aí, vai dizer o que dragãozinho meu?

AURORA : (com raiva) O garotinho meu, cê por acaso sabe quem eu sou? Quem você arrastou feito um, brutamontes no meio daquele inferno que você criou?

XARA : (agressivo) Não fala assim comigo não, buceta !

AURORA (histérica) : Eu não posso mais conter isso ! Essa situação sua! Eu já disse tudo pra te aceitar, criatura !

XARÁ : (cruel, arremedando) 'Criatura...' Burguesa do caralho !

AURORA : (decidida) Eu sou antropóloga, garoto. Eu estudo isso. Quatro horas do meu dia são dedicadas a isso. Faz um esforço, cara ! Você entende coisa que garoto nenhum da tua

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

idade jamais poderia. Nem...

XARÁ : (incisivo, interrompendo) E é porisso que eu saquei o lance antes de ti ! Como é que eu posso adivinhar? Como e que eu posso saber quem você é? Eu te peguei na multidão, coroa: podia ter pegado um brotinho maneiro. E aí é que eu não tava nem levando esse papo aqui. Mas foi tu que eu segurei. E não foi por falta de tempo não que o papai aqui é muito rápido. Eu vejo, eu sinto o cheiro da mulher. Aquele negócio direto da natureza mesmo. Tinha carne de princesinha na jogada. Dentro da ordem dos advogados lá, como se tivesse presa num castelo, uma porra assim. Mas foi você, bagulhosa, eu te escolhi pra minha refém. Se você tiver que morrer sou eu que vou te matar. Um dia todos nós temos os nossos dias contados. Então ? (AURORA olha entre aterrada e perplexa) Como é que tu chega e diz que não sabia ? É claro que tu tinha que ser antropóloga !

AURORA : (enérgica) Por que? Agora eu é que quero saber isso !

XARÁ : E te digo mais,não é só quatro anos não: tu sempre foi antropóloga! Quando eu era moleque queria ser cientista louco...

AURORA : (enfática) É um estudo, garoto. Ele é humano como você e eu. Existe cientista louco, criança. Não tou falando de história em quadrinho não. A civilização já pode se autodestruir. Ela não precisa de você com esse seu revólver irresponsável não..

FITA : (no meio do vozerio permanente da FITA ouvem-se com grande efeito a sirene de várias ambulâncias. Sobressaem gritos específicos em voz de homem e de mulher) Polícia! Polícia! Pelo amor de Deus alguém faz alguma coisa! (urros de dor dos feridos, soluços) Acode ele! Alguém ajuda. Nossa Senhora !

AURORA : (apavorada) É a polícia, cara!

XARÁ : (agressivo) Caguei ! (interessado no papo) Como que a civilização não precisa da submetralha : você que é antropóloga...?

AURORA : Sei lá, cara. A polícia tá chegando!

XARÁ : (ameaçador) A polícia vai chegar quando a polícia chegar. Eu já tou esperando há mais de meia hora os bunda-mole...

AURORA : (patética) Cara, você não tá ouvindo os gritos dos feridos? Cara...

XARÁ : (agressivo) O que?

AURORA : Eu ia te perguntar o teu nome. Mas gente como você não tem nome, simplesmente...

XARÁ : Com muita honra eu me chamo Xará. Assim me chamam aliás. Nunca quis nem nunca usei nem nunca deixei que malandro usa. E malandro me respeita e não é aqui nesse centrinho merda de cidade não: zona sul! Barra da Tijuca, São Conrado, Joá! Não preciso de apelido e muito menos de nome. (mostrando e manuseando a submetralhadora) Revólver se conhece na mão, pelo amor: mulher eu tiro pelo cheiro. E isso nego te diz aqui, em Copa, em qualquer lugar do mundo ! O nome de Xará está aí e eu não vou esconder não! Ja peguei sete tudo de faca e cinco num lance muito pior, morou?

AURORA : (arrasada, abanando a cabeça) Xará...

XARÁ : É isso aí. Lá na Cidade também. De Deus, conhece?

AURORA : Cidade de Deus, eu li dos assassinatos. Tudo que você sabe falar é violência, (lembrando-se) E fazer, cara! Você destruiu hoje ô...Xará... Essa gente tá perdendo sangue,

morrendo lá fora. Você tem que ajudar eles pela sua própria consciência política. Sai lá fora e pensa, cara, no que você fez ! (perdendo a cabeça Aurora anda em direção ao auditório mas fitando Xará com raiva concentrada) Eu vou é sair daqui : você pode atirar e me mata logo. Tem as vítimas e quem vai socorrer sou eu.

FITA : (que aumenta, ouvem-se mais sirenes de ambulância e mais os gritos) Lincha! Lin-cha, lin-cha! Polícia ! Socorro!

(Xará agarra Aurora com facilidade com um braço só. Com a submetralhadora na outra mão, ele puxa Aurora e berra no ouvido dela)

XARÁ : É a ambulância, caralho ! O esporro todo lá fora é as am-bu-lân-cias! Os teus protegidos lá, feridos, tão numa boa, entendeu?

AURORA : (valentemente tentando se desvencilhar dele, unhando, chutando e chorando) Pára ! Para com isso! Filho da puta! (conseguindo se soltar, histérica) Vai lá se tu é homem, desgraçado! A polícia vai entrar aqui pra já, seu anormal ! A nossa polícia, os homens da lei !

A FITA : (aumenta com muita gritaria e sirenes que, com efeito, já poderiam ser a polícia. Ouvem-se berros em vozes mixtas mas individualmente distintas) Lincha! Mata ! Pega! (grande coro) En-tra! En-tra! En-tra!

AURORA : (histérica) Eles tão chegando! Sai de perto de mim! Você quer morrer, leva essa raiva toda... (trágica) Cara, você tem é que morrer mesmo...

(Aurora chora novamente. Grande pausa.)

XARÁ : (com comovente ternura) Tu fica até bonita chorando assim... (Xará se aproxima dela)

AURORA : (parando de chorar) Cara, se você caga pra polícia feito você diz, se você é mesmo o Xará valentão aí famoso na zona sul, então você espera.

XARÁ : Valentão não! Xará só. O ' poderoso', também pode ser, que o Espiguiinha meu amigo já me chamou, de 'o poderoso'. Aliás, só se referem à minha pessoa.

AURORA : (valente) Então? Que que cê tá esperando, adolescente desajustado? O sobrado tá todo cercado, cara. Eles sabem que eu tou aqui, todo mundo viu! Cê pensa que a polícia ainda não chegou por um acaso? Marginal de araque é o que tu é! Por que que cê acha que eles não entram? Porque eu tou aqui, ouviu, porque qualquer pessoa perto de você tá com a vida ameaçada! Eles tão armando o esquema, burrão, tá tudo cercado! Eles só não arrombaram porque eu sou tua refém, cara, mas vão entrar!

XARÁ : (indiferente) Vão mesmo?

(AURORA desiste de falar com ele. Enterra a cara nas mãos novamente e anda sem direção como uma cabra-cega. Ela bate na barra de bale ao fundo, descobre a cara, se vê no espelho, pega o tutu velho que estava sobre a barra, olha de relance para o póster da Paviova e se prosara de bruços sobre a barra em patético contraste com a gloriosa bailarina. Xará, aparentemente sensibilizado pela cena, abana a cabeça e se volta para o lado do público. Ele manipula a submetralhadora, abre-a, conta as balas, tira mais balas do bolso, conta, examina bem o estado de uma bala, examina mais a submetralhadora e, quando finalmente se dá por satisfeito, começa a mirar no público, primeiro aqui e ali com ar de pouco caso, depois mais sério até escolher um alvo no fundo da sala. Mira bem como quem vai atirar. Nesse momento a FITA que estava em seu nível mínimo, volta a chamar a atenção)

FITA : (Um grito patético, alto mas lento) Ela já foi, porra! (um berro de homem

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

sensacionalista) A mulher morreu! (um grito de mulher indignada) A secretária morreu, entendeu? (grito de homem) Já deu no rádio, cara ! (gritos confusos) Polícia ! Pega o assassino! Ele tá aí dentro! Ele vai matar a mulher! Pelo amor de Deus, a refém! (coro) Lin-cha, lin-cha!

(XARÁ parou de mirar para escutar de orelha em pé esses gritos da Fita. Sua expressão é de imensa curiosidade como se nada daquilo fosse com ele, com o ar de um policial eficiente de cinema que observasse uma turba potencialmente perigosa. Quando entra o coro de 'lincha, lincha' já familiar a todos. Xará se irrita profundamente, abana a cabeça como que capitulando ao mal que ele enxerga na platéia e recomeçando a mirar com a submetralhadora)

FITA : (dois fortes coros se entrelaçam caoticamente: o 'lincha' que agora está bem lento e outro mas rápido e stacatto:) Pega pra matar! Pega pra matar!

XARÁ : (em tom baixo, visceralmente magoado, mirando a arma em alguém)Viado !

FITA : (gritos gerais bem alto) Polícia! A polícia! Socorro! (agora em falsetto, com escárnio) Socorro, polícia!

(Ouvindo isso Xará dá de ombros, solta com desprezo a submetralhadora no chão e se aproxima a passos lentos de AURORA que continua prostrada de braços sobre a barra. Xará conduz Aurora pelo braço com carinho e energia, coloca um braço em volta do pescoço dela como quem conforta um ente querido)

XARÁ : (meigo) Tá vendo onde tá a metralha? (aponta a arma no chão. Aurora, com ódio contido, vira a cara e não responde. Xará fica mais meigo e brejeiro) Olha, senta aqui. Papo sério agora, responsa. Alta responsabilidade... Eu posso parecer que eu tou desligado mas eu tou de olho ouvindo tudo aí fora. E só um olho e um ouvido meu que dorme quando eu durmo. Descanso na ativa, coroa, e tem de ser assim.

(Aos poucos e a contragosto Aurora começou a se reanimar e prestar atenção nele. A Fita aumenta ligeiramente com muita gritaria e confusão. AURORA faz um gesto significativo com a cabeça aludiando à multidão lá fora. A voz de Xará, que deve se ouvir claramente apesar da Fita, assume uma impostação quase que de teatro infantil: alguém contando uma história e tentando achar o ritmo da criança)

XARÁ : (adorável) Sabe, Aurora... (Aurora não dá atenção. Xará se magoa) Puxa, bosta, você nem pra me dar uma luz, hein? Antropóloga pra que? Me diz aí, calminha, tudo bem, na maior... (Aurora abana a cabeça em desespero; Xará fala com candura) Eu já entendi, pó, que fudeu tudo... Os home não chegaram porque eu sei que não. Mas vão chegar e eu vou sacar no ato. Tá sabendo, antro...Io... As...tro...pô... (Ele se atrapalha muito na palavra. Consegue se aconchegar muito perto de Aurora, manso como um coelho, e consegue descansar a cabeça no colo, ombro ou coxas de Aurora.Tentando mais uma vez a palavra 'antropóloga') An..pó... (zangado) Me ajuda, pó. Aurora, qual é? segurando suavemente a mão de Aurora que está cada vez mais perplexa) Antro... o que? É antro que começa, né?

AURORA : (cedendo depois de pausa) Antropóloga.

XARÁ : (acariciando Aurora suavemente roas de repente peremptório) Eu sei que eu exagerei.

AURORA : (ácida) Meus parabéns.

XARÁ : Mas o meu pai sempre dizia. Quer dizer ele disse a última vez pouco antes... Quando mataram ele. Antes de sair, mas só pra mim, não foi pra todo mundo não.

AURORA : (mecanicamente) O que?

XARÁ : Muleque: não deixa cobra solta pra te morder! Eu nunca mais me esqueçi.

AURORA : E daí?

(XARÁ começa a segurar Aurora mais e mais num prelúdio sexual. Aurora adota um alinhamento passiva desinteressada. Ele passa a cheirar o corpo de Aurora , fungando e inspirando profundamente. Aumentando o ardor com que pretende amar Aurora ele fala por entre beijos)

XARÁ : (enonemente sensual) E daí o que, corôna? E daí o que? Da gostoso pra eu, fessora, pra mim não ter que te matar antes...

AURORA : (pedindo) Se acalma garoto... Isso aqui não é lugar. Tem uma multidão aí fora te esperando, por que que você vem escolher logo eu? (enérgica) Eu podia ser tua mãe, cara !

XARÁ : (enquanto agarra Aurora de varias maneiras, pedindo) Te entrega, mãezinha ! Só hoje. Hoje é um dia diferente, coroa, tu sabe disso !

AURORA : (ainda resistindo mas sem conseguir evitar sua própria excitação) Diferente...? Você é um demônio, garoto ! (Ele aperta Aurora em vários lugares) Ai ! Ai, garoto, pára com isso ! (Ele consegue abrir a blusa dela) Ai, não ! Não faz assim !

XARÁ : (extremamente excitado) Vou te comer é agora, antropóloga !

(Nesse momento a FITA que estava em seu nível mínimo de vozerio, explode com sirenes indubitavelmente da polícia)

XARÁ : (dando um pulo e caindo em pé) Agora é, caralho. Filhos da puta !

(Ele procura apressadamente a submetralhadora pelo chão e passa a mirar novamente no público)

AURORA : (largada no chão, à parte) Deve ser a ambulância...

(Aurora se recompõe, levanta e quer tirar a submetralhadora dele)

XARÁ : (furioso, submetralhadora em punho) Atenção aí, babacona, que o berro vai comer ! Filhos da puta, bem na hora que eu ia... (faz com o corpo todo o gesto de penetrar uma mulher)

AURORA : (nervosa) Agora você entendeu ! Agora você entendeu, maluquinho...

XARÁ : (furioso, para o público) Eu meto bala não é nem pra ver nem pra gostar não... Filhos da puta, vou descarregar o berro é na cara, não é na barriga não !

AURORA : (fora de si, investindo com todas as suas forças contra Xará, agarra a camisa dele, aos urros) Já acabou, MALUCO ! Acabou

(Ele dá um empurrão fortíssimo que joga Aurora para o fundo do palco)

XARÁ : (furioso) Eu mato os viado ! Mas eu vou te comer primeiro!

(Aurora se levanta e Xará caminha lentamente para ela como um abominável homem das neves)

AURORA : (apavorada) Não ! Socorro !

FITA : (mais alto que nunca, denotando polvorosa inusitada com a aproximação da polícia) Polícia ! Pega ! Lin-cha, lin-cha, lin-cha !

XARÁ : (fora de si, para Aurora) Vou te machucar legal, mãezinha !

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

(XARÁ agarra Aurora para a cena do estupro. Essa deve ser longa e penosa, com os gritos de Aurora competindo com um pandemônio na FITA e as interjeições obscenas de XARÁ.)

AURORA : Socorro! Me solta ! Socorro!

XARÁ : (furiosamente obstinado) Buceta ! Buceta !

AURORA : Pára ! Me solta !

XARÁ : (escamecedor, já tendo reduzido Aurora a uma posição possível) Ai, ai, ai ! Ai tu vai ver é agora, putinha !

(XARÁ estupra Aurora violentamente enquanto a FITA produz a sensação de que a polícia poderá invadir o palco a qualquer momento. Ouvem-se na FITA batidas fortes e surdas na madeira como se a grossa porta do sobrado onde funciona a academia de bale estivesse sendo atacada por um aríete. Essas batidas primeiro soam um pouco como as batidas tradicionais na madeira antes de começar um espetáculo teatral. Depois, por um breve momento, entram em sintonia com os movimentos pélvicos de Xará estuprando Aurora que geme torturadamente)

XARÁ : (selvagem) Toma, mãezinha ! E toma! E toma ! (Ele se aproxima do clímax gritando freneticamente) Anda, mãezinha ! Buceta ! Vai, vai, vai ! Caralho !

(Uma vez satisfeito, com a Fita mais alarmante que nunca e as batidas soando como se a porta não pudesse resistir mais. Xará uma vez mais procura pelo chão a submetralhadora demorando um pouco a encontra-la)

XARÁ : (achando a submetralhadora) Merda ! É agora que vai ser ! (Ele olha para o público pelas janelas imaginárias, vê alguma coisa e volta furiosamente para Aurora que está jogada no chão chorando baixinho. Com autoridade, para Aurora) É agora, caceta. Levanta, porra ! (forçando Aurora a se levantar) Eles tão subindo pela parede, não tá ouvindo não, bosta ! (arrastando Aurora para a frente no centro) Atenção agora, tá ouvindo? (colocando a submetralhadora na mão do farrapo humano que está Aurora) Tu controla a porra da janela: eu vou enfrentar a porta !

AURORA : Mas...

XARÁ : (urrando) Acorda, porra !

AURORA : Mas eu não sei... eu não posso eu...

XARÁ : (agressivo) Assim ! (nervosamente agarrando os dedos de Aurora e ensinando-lhe a utilizar a submetralhadora, berrando) Assim ! Assim ! Assim ! (ensinando Aurora a mirar no público) Ali ! Isso ! Aí. Agora vai ser eu e eles naquela porta lá !

(A FITA se faz ouvir com batidas na porta que ainda resiste)

AURORA : Você sem arma... Eles vão te linchar...

XARÁ : (siderado de fúria ele mostra as mãos e braços musculosos) Eu não preciso de revólver ! Sou sujeito macho e vou dar é na cara ! (saindo pelo lado do público, aos berros) Pesão na cara ! É porrada mesmo todo mundo, merda !

(A FITA faz um crescendo só baixando para que se possa ouvir a fala de Aurora)

AURORA : (deixada só, mirando confusamente no público, patética) Tou muito velha pra ser Patty Hearst !

(OBSCURIDADE OU PANO RÁPIDO)

Ato 2

Ato 2

IMPUNIDADE

' Mais je ne suis pas un douteur, je suis un idolatre du doute, un douteur en ébullition, un douteur en transe, un fanatique sans credo, un héros de la fluctuation.'

E.M. CIORAN

CENÁRIO: É a sala de estar do controvertido crítico teatral. Predomina tons decadentes de verde e roxo num ambiente luxuoso mas sem exagero. A decoração é liderada pelo retrato grande de lindíssima mulher que cobre quase toda a parede esquerda da sala (do ponto de vista do público). A mulher do retrato usa um vison relativamente ligeiro, está coberta de jóias mas maquiada com certa exacerbação. Existe um sofá voltado para o público no centro."Em frente desse sofá está toda uma bagagem composta dos seguintes itens: uma enorme mala preta bem neutra, uma mala grande de metal prateado, uma mala média de plástico vermelho escuro e uma valise Vuitton que poderá estar pousada sobre a mala preta ou prateada. Há também um grande saco de compras Duty-Free do aeroporto de Orly, assim como uma máquina de escrever elétrica portátil. Um pesado sobretudo preto termina de compor o quadro de uma chegada de viagem. Ao fundo à direita fica a porta de entrada, ao fundo no centro fica a porta que dá para a cozinha, enquanto para o lado esquerdo fica a porta que dá para os quartos.

(Entra Alberto pela esquerda vindo do quarto pé ante pé como quem quer evitar de acordar alguém. De meias mas sem sapato e sempre pé ante pé ele saltita pelo cenário olhando deslumbradamente para tudo como se visse aquilo pela primeira vez. Leva um ligeiro susto quando se depara com a mulher fatal do retrato. Sai rapidamente de cena por onde entrou como que para verificar alguma coisa. Volta sempre pé ante pé e volta a fixar o retrato com admiração. Com os olhos perdidos no quadro da misteriosa mulher ele leva, dessa vez, um forte susto quando a campainha toca estridentemente. Paranóico, Alberto saltita como um gato para o olho mágico com cuidados para que não se perceba que ele está em casa. Tenta olhar de lado pelo olho mágico mas não consegue ver nada. Esgueira-se por baixo do olho mágico e tenta olhar de lado pelo outro lado. A campainha soa novamente e com mais insistência. Apavorado, Alberto toma coragem e, num gesto de heroísmo olha pelo olho mágico. Abre a porta sem hesitação. Do outro lado está o Porteiro com um grande volume nas mãos.)

PORTEIRO Tinha chegado isso aqui pro senhor.

ALBERTO (sussurrando alto como quem quer silêncio) Ah, obrigado... Bota aqui dentro por favor, (o Porteiro entra) Qualquer lugar, ali em cima da mesa tudo bem. (seguindo o porteiro e olhando o pacote; sussurrante) Ah, são os livros! Puxa, eles tão ficando eficientes, hein? (o Porteiro não escutou bem a fala e olha interrogativamente para Alberto) O correio... Eu vou pegar uma cerveja pra você...

(Sai cuidadosamente pé ante pé para buscar a gorjeta enquanto o Porteiro olha perplexamente primeiro para ele depois observa a sala com certa curiosidade até que seu olhar bate no retrato da mulher misteriosa que o absorve completamente. A volta de Alberto com a gorjeta na mão acorda o Porteiro do verdadeiro transe em que o retrato o fizera cair)

ALBERTO (dando a gorjeta) Pra você. Obrigado, tá?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

PORTEIRO (saindo) Brigado o senhor, (voltando atras) É pra continuar lavando o carro, doutor?

ALBERTO (sussurrando alto) Eu vendi o carro. Mas depois sim, quando tiver. Eu aviso você.

PORTEIRO (saindo) Sim senhor.

ALBERTO Brigado ! (Ele fecha a porta, e dirige-se para o embrulho. Abre o embrulho que são livros mandados da Europa por ele mesmo e que ele manuseia com certa excitação. A certa altura, quando está absorto lendo um livro que abriu ao acaso, a campainha soa mais súbita do que nunca pregando-lhe enorme susto. Deixa o livro e caminha resolutamente para a porta e olha pelo olho mágico. Leva ainda mais um susto com o que vê e pula para longe da porta arriscando fazer ruído o que o apavora ainda mais. Dá-se conta de que sua presença em casa já poderia ter sido notada pela pessoa do outro lado e abre a porta como se fosse a coisa mais natural do mundo)

AURORA (que veste um modelo diferente porém equivalente ao do primeiro ato como se nada tivesse mudado em sua vida) Você é Dr.Alberto?

ALBERTO (estarecido) Dr.Alberto?

AURORA (decidida) Você é o crítico Alberto Queiroz, certo? Eu quero falar com você.

ALBERTO (apavorado, fazendo sinal positivo com a cabeça) Pode O que que é, hein?

AURORA (em voz bem mais alta) Eu sou a vítima dele.

ALBERTO (aterrorizado, sussurrante) O que a sra. quer dizer com isso ? Quem é a sra.?

AURORA (simpática) Pode me chamar de você. Não tem problema nenhum não. Eu só vim aqui pra conversar, por um problema meu. Eu não vim pedir nada nem denunciar nada, é mais uma questão que eu mesma. . .

ALBERTO (interrompendo, sussurrando alto, em pânico) O que que a sra. tá falando? Denunciar o que? Quem é a sra. por favor?!

AURORA (agressiva, alto) Eu sei que ele tá aqui !

ALBERTO (ligeiramente agressivo) Por que que você tá aqui? Que que eu tenho com isso?

AURORA Calma, criatura. Eu já disse que não vim aqui lhe denunciar. Eu sou uma pessoa, estudante de antropologia e nunca me passou pela...

ALBERTO (nervoso, interrompendo) Não fala alto pelo amor de Deus.

AURORA (baixando a voz para acalma-lo) Eu sou a mulher que ele estuprou no dia 30 de agosto de ano passado. Não precisa se fazer de desentendido que eu tou sabendo de tudo. Se há uma pessoa que sabe o que se passou naquele dia sou eu.

ALBERTO (curioso) Mas você não sofreu nada...e...

AURORA : Eu sou a pessoa que... Olha, pra quem acompanhou o caso, eu não vou lhe dizer que...

ALBERTO (nervoso, interrompendo) Eu quero lhe dizer uma coisa, eu quero que fique bem claro que eu não acompanhei esse caso pelos jornais.. Eu não tenho a mínima idéia se é nisso que a sra. está querendo chegar mas vou logo avisando que...

AURORA (interrompendo, ligeiramente irritada) Eu já disse que não tem nada, cara...

ALBERTO (interrompendo em voz alta) Não fala alto pelo amor de Deus !

AURORA (controlada) Mas não sou eu que tou falando alto não. Que que tem se ele acordar? Se o que eu quero é justamente falar com ele. Eu já disse que não tenho nada de especial pra lhe dizer, nada pra reinvidicar do senhor... É por assunto meu pessoal: eu sou quero ter uma conversa... ALBERTO Com ele?

AURORA Claro que é com ele. Eu não sou parente de nenhuma das duas vítimas. O rapaz que ficou cego nem tinha parente...

ALBERTO (compreendendo tudo, aliviado) Você é a antropóloga! (pausa) Agora me explica uma coisa : como é que você soube ?

AURORA Soube o que?

ALBERTO (mudando de assunto, afetando muita calma) Deixa eu explicar uma coisa pra você... Você é...

AURORA Aurora.

ALBERTO Certo, Aurora. Ah, sim... Você é mãe de três filhos.

AURORA Exatamente. Eu tive uma atitude positiva, de colocar a coisa num contexto social. Não existe culpado fora de uma sociedade determinada. A própria criminalidade dele tem que ser colocada nesse sentido, isto é, tem que ser analisada friamente à luz do fato histórico e social: tal como ele aconteceu. ALBERTO Nisso eu concordo com você.

AURORA (lógica) Logo, considerando que eu sou a pessoa, primeiro reduzida ao estado de refém, depois... que veio a ficar no foco do debate, na imprensa...

ALBERTO Bom, felizmente que a zoeira da imprensa não durou muito... Pelo menos é a informação que eu tenho: eu não leio mais jornal.

AURORA Isso porque ele tinha 17 anos. você sabe melhor que eu. Se ele fosse maior já não era Juizado, ele faria na cadeia, não haveria nada que você nem ninguém pudesse fazer. Nem dinheiro nem influência com o escândalo que foi. Mas agora você sabe que o dia 21 de maio já passou...

ALBERTO (alarmado) Você perguntou o aniversário dele no dia da bomba?

AURORA (Íntima) Não, que é isso, cara... Tá pensando o que? Essa história me afetou muito, profundamente... Foi uma tomada de consciência pra mim. Eu perguntei o signo dele. Bem entre touro e gêmeos, impossível esquecer. Eu me lembrei no próprio dia em maio... 18 anos...

ALBERTO (preocupado) Eu estou meio preocupado com essa maioridade...

AURORA Você diz legalmente falando..? As consequências que isso possa...

ALBERTO (incisivo) A família da vítima. A mulher que morreu deixou gente. A lei é o que ela é, você pode imaginar a preocupação, a tensão...

AURORA (notando o quadro da mulher misteriosa) É sua senhora?

ALBERTO É. (pausa curta) Quer dizer que você é a antropóloga Aurora Ramos... Eu suponho que você queira saber mais sobre ele, já que veio aqui. Agora, eu queria saber como é que você teve o conhecimento dessa possibi lidade que eu...

AURORA (interropeando, muito segura de si, quase agressiva) Mas ouve só, Alberto. Desculpe a intimidade, tá legal? Eu devo ser mais velha que você mas eu sou assim, eu simplesmente não posso chegar numa situação dessas, com você chegando de fora com as malas todas aí e...

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

ALBERTO (interrompendo, alto e agressivo) Você vai me desculpar as malas, tá ? , a bagunça.

AURORA (alto) Não é isso não, cara, mas você não vai querer esconder jogo comigo ! (pausa. Em voz baixa) Ele tá aí?

ALBERTO (nervoso) Tá e tá dormindo e você gritando assim vai acordar ele eu tou avisando, mas tudo bem: você é que tem o que dizer pra ele. Eu não tenho nada com isso. Eu até saio de casa pra você ter a sua conversa com ele. Eu acho até bom; é o que ele mais precisa mesmo: conselho, apoio, você vai revelar pra ele o que que aquilo significou pra você... Eu acho ótimo, eu quero que você se de muito bem... (grande pausa. Aurora manuseia um livro da pilha que chegou antes. Ela vira várias páginas, lê um pouco e finalmente pergunta)

AURORA Você lê muito, né?

ALBERTO (simpático) O que que você quer beber? Deixa eu ver o que que eu tenho primeiro. (Saindo pela porta que dá para a cozinha) Essa geladeira não é aberta em quase um ano. (Na ausência de Alberto, Aurora que havia manuseado o livro distraidamente, aproveita para inspecionar quase que freneticamente os títulos dos livros de Alberto. Sem palhaçada ela chega a cheirar e sentir os volumes, tanto as brochuras como os de capa dura. Quando Alberto volta da cozinha ela está simplesmente lendo um livro)

ALBERTO (prático) Não tem nada em casa. Só mesmo o uisque e a Vodka do aeroporto. (Pegando a sacola de papel do aeroporto de Orly) Gelo tem, também.

AURORA (simpática) Uma cervejinha amiga, não?

ALBERTO Não tem. (Alberto tira três garrafas da sacola: uma de uisque tamanho 2 litros, marca JB e uma tamanho normal de Vodka Stolichnaya e outra Stolichnaya tamanho pequeno. Ele pega a garrafa pequena de Vodka e abre) Qual você quer, uisque ou vodka?

AURORA (levantando brevemente a cabeça do livro) Pode ser uisque mesmo. Com gelo. Me diz uma coisa, esse livro é sobre Lukaks. Você já leu Lukaks?

ALBERTO Não. (pausa)

AURORA Você tá sabendo quem é Levy-Strauss ? ALBERTO (desaparecendo com as garrafas para a cozinha, alto) Claro, sociólogo, antropólogo, estruturalista...

(Aurora se dá por satisfeita e fecha o livro colocando-o na pilha com os outros)

AURORA (seguindo Alberto para fora de cena) Escuta, me diz uma coisa só...

(Longa pausa em que, com o palco vazio, não se ouve a continuação do diálogo. Depois reaparece Alberto com uma grande bandeja de prata com três bonitos copos de cristal e uma geleira cheia, seguido por Aurora que traz na mão a grande garrafa de JB)

ALBERTO Traz o uisque.

AURORA (continuando) Mas você acha que ele tem capacidade de entender isso, quer dizer, possibilidade mesmo... Quando o enfoqu da pessoa se deturpa a esse ponto eu não sei não... Eu não sei se tem condição dele absorver isso. (Tirando a bandeja das mãos de Alberto, dramática) Ele tá armado?

ALBERTO (irritado) Bom, você não vai querer...

AURORA (interrompendo, agressiva, com a bandeja e a garrafa nas mãos) Pêra aí, Alberto, não pode ter isso ! (irritada, colocando as coisas sobre a mesinha com visível cuidado para não quebrar nada) Ele tá armado ou não tá?

ALBERTO (zangado) Claro que não tá, você é idiota ou tá dormindo? Como é que ele vai tar armado?

(Alberto serve duas imensas doses de uisque. Ambos pegam seus copos simultaneamente e bebem abundantemente)

ALBERTO (mais calmo, continuando) Claro que estritamente falando ele tá. Ele tem faca. Ele tem a espada espanhola, ele tem canivete. Ele coleciona gilete, você sabe tão bem disso quanto eu.

AURORA (surpresa) Eu de jeito nenhum. Nunca ouvi falar num disparate desses.

ALBERTO (bebericando, misterioso) Talvez tenha muita coisa que você não tenha ouvido falar ainda.

AURORA (segura de si, bebericando) Mas eu não vim aqui para ouvir falar nada. Eu vim pra eu falar minhas coisas. É uma necessidade minha de resolver grilos meus, dentro da minha cabeça. Se eu pergunto se ele está armado é pra saber a situação real. (O telefone começa a tocar mas Aurora continua enfática) É o momento histórico, nele, que eu quero colocar: a vivência concreta. (Alberto, alarmado, hesita entre atender ou não o telefone) Você tá entendendo o que eu tou falando?

ALBERTO (atendendo o telefone) Alô. (pausa curta) O, cara ! Acertou em cheio: hoje: agora ! (pausa curta) Maravilhoso, tudo certo, tudo em paz... (pausa curta) Ué, vem pra cá. Tou aqui tomando um uisque com uma amiga a essa hora já... Vem que a gente almoça...

AURORA (alarmada) Alberto, me desculpa me meter...

ALBERTO (tapando o fone, para Aurora) Tudo bem ! (ao telefone) Tudo bem ! (pausa curta) Claro, ou então eu te ligo mais tarde, (pausa) Claro ! Claro, na maior... Certo, tchau. (Desliga o telefone. Mais relaxado, para Aurora) Sabe o que é. Aurora, aquilo que a gente tava falando, não existe maneira de se definir... A agressividade dele por exemplo. Como que eu vou saber, ou você no caso, o que que vai ser o elemento que provoca a reação? É claro que é importante saber o tipo de arma que ele tem ao alcance da mão. Até aí...

AURORA Morreu Neves...

ALBERTO Morreu mesmo. O que você passou só pode ter sido muito mais prova disso tudo até que isso que eu tou falando.

AURORA (espontânea) Mas foi nessa que eu comecei a entender o comunismo dele, porque você sabe que aquilo não é comunismo, nê? O verdadeiro é...

ALBERTO (interrompendo) Claro que aquilo não é nada. É o herói sem causa. Juventude Transviada, eu até quiz fazer ele ver o filme, mas não passou...

AURORA (sentindo o efeito do uisque) Posso te fazer uma pergunta? Por que? Qual é a sua razão principal, na sua cabeça, de você ter se interessado a esse ponto...

ALBERTO (sincero) Pela reabilitação do Xará?

AURORA É.

ALBERTO (convicente) Exatamente o que eu disse. A reabilitação. Você tem que entender que na cabeça dele tudo é visto do outro ponto de vista: do ponto de vista dele. A neurose, o trauma do passado deturpa... Aquele mundo fora do real que emerge de repente, como um arquétipo, do instinto de agressão...

AURORA Será que ele vai dormir o dia intero ?

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

ALBERTO Não sei. Ele chegou todo excitado, disse que ia direto pro Arpoador. Mas aí dormiu. De roupa e tudo.

AURORA E se a gente acordasse ele?

ALBERTO (sentindo o efeito do uisque, rindo) Acordar ele? Se você quiser você faz isso. Eu já desisti há muito tempo. Ele vira bicho. Tá se vendo que você conhece o Xará de um dia só.

AURORA Um dia só não: dois.

ALBERTO (curioso) Dois?

AURORA Eu também fui no Juizado de Menores. Não foi só você não.

ALBERTO E daí?

AURORA (um pouco bêbeda) Eu tou sabendo que você teve muito mais tempo pra entender muita coisa... Mas tudo bem, não é nem porisso que eu vou discutir. Não tem nenhum retrato de vocês lá? Não tirou um retrato pra registrar?

ALBERTO (provocador) Quer ver?

AURORA Veria sim.

(Alberto coloca a grande mala preta em posição para ser aberta. Se abaixa, faz o segredo da mala e , depois de abrir, começa a procurar os livretes de fotografia. Enquanto isso Aurora reabasteceu seu copo de uisque e, rapidamente sai de cena pela porta que dá para os quartos. Alberto percebe o movimento de Aurora e se precipita atrás dela saindo também de cena. Longa pausa. Entra Aurora silenciosa seguida por Alberto silencioso também mas indignado. Ela toma outro gole de uisque enquanto ele treme de raiva)

AURORA (conciliadora) Eu não resisti. (Alberto se afasta dela e fita o horizonte revoltado. Pausa. Aurora ve um livreto de fotos que Alberto havia achado e deixado sobre a bagagem e, tomando o livreto, começa a examinar as fotos com interesse. Alberto reabastece seu copo de uisque) Puxa, vocês viajaram, hein? (como quem ve algo de muito gostoso) Hum ! Hum ! Hum ! (depois de uma pausa) É Paris isso?

ALBERTO (depois de alguns goles, reganhando ânimo) Quer saber de uma coisa? Esse nem é o melhor... (audacioso) Você me provocou, né? Você se aproveitou de mim que você não tinha o direito de ir entrando pela minha casa a dentro... Então foda-se, agora sou eu que vou te mostrar.

(Ele começa a procurar algo na grande mala. Não encontrando com facilidade Alberto vai tirando roupas e coisas da mala. Em sua busca Alberto joga pelos ares uma camiseta com lindo dragão ou leão em cores vivas e dourados. Aurora pega a camiseta)

AURORA (íntima) Ah, mas que graça essa aqui... É sua ou...

ALBERTO (para si mesmo) É, claro. Será que ta na outra? (Eie se dirige para a mala prateada que coloca em posição para ser aberta mas antes de abri-la também pega a mala media de plástico vermelho escuro e também a coloca em posição para ser aberta)

AURORA (excitada, vendo lindas calças de veludo verde que ela pega fascinada) Ah não, mas isso aqui e uma gracinha ! De onde é, hein, Alberto? Paris?

ALBERTO (ocupado, abrindo as outras malas) É minha também.

AURORA (fleumática) Que barato !

ALBERTO (remechendo na mala prateada que conseguiu abrir, antiquado) Barato uma ova.

Paris hoje em dia, minha filha... Não dá nem pra você sentar na calçada de um café... Só se for rodando a bolsa...

AURORA (distraída, olhando roupas esparsas) Mas você tem gosto, Alberto. Deve ser o teatro que desenvolve.. Mas pera aí uma coisa. Essa camisa eu vi na fotografia ! Ele tava com ela, essa aqui, pra dentro da calça Levis, te mostro já, é só achar.

ALBERTO (triumfante, achando algo na mala) Eureka ! Tinha que tar aqui, claro, junto com as revistinhas pornô. (com mais um livreto de fotos na mão, esnobe) Cruzeiro pelas ilhas gregas, minha filha... AURORA (furiosa) Vocês foram para as ilhas gregas?

ALBERTO (excitado) Mykonos, fora da estação claro.. Porque eu queria oferecer a ele a cultura do princípio, entende D.Aurora, tal como ela começou. Naturalmente tinha que ser a Grécia. Eu quiz fazer dessa viagem não uma mera reabilitação, vamos dizer, por fuga geográfica. Não seria nem isso que ele precisava. Só a consciência direta da cultura que pode, entende? Faz aquilo entrar na cabeça dele pela própria presença nos lugares históricos !

AURORA (apreensiva) E como é que é lá em Mykonos?

ALBERTO Bom, é um dos grandes berços da história. Dos deuses, por exemplo. É uma referência permanente em Hesíodo e Homero. Do ponto de vista clássico eu...

AURORA (interrompendo, agressiva) Não, eu digo a situação concreta ali, do ponto de vista do turista.

ALBERTO (ligeiramente irritado) Bom, isso eu não sei porque eu não fui lá como turista. Eu fui lá como eu tava te explicando e você nem ouviu e muito menos entendeu, sem querer dizer nada nem ofender você...Agora se você quer saber mas não abre o jogo, como se eu fosse obrigado a te conhecer só porque você foi estuprada por ele... Eu não tenho nada pra esconder: quem fez desoito anos e agora é responsável, susceptível perante a lei é ele, não sou eu.

AURORA E daí?

ALBERTO E daí que se você entendesse um pouco mais do que eu tou dizendo você ia ver que o roteiro da viagem tem a ver justamente com isso. Não foi a passeio não senhora ! Não foi excursão da Polvani não.

AURORA (severa) Bom, nessa é que eu te peguei bonito. Antes que você me mostre suas fotografias aí da ilha da cultura, fique sabendo que eu recebi um cartão postal !

ALBERTO (lívido) Cartão postal?

AURORA É, cartão sim e muito bonito e educado e espontâneo sim senhor. E dizia simplesmente o que você mentiu: Polvani, precisamente a excursão que vocês fizeram.

ALBERTO (furioso) Olha, quer saber? Se você pensa que eu vou mentir pra você como se eu te devesse alguma coisa ou tivesse jamais feito alguma coisa reprovável, você tá redondamente enganada! Polvani foi só uma fachada, assim mesmo para um parente dele que eu consegui achar no subúrbio ouviu bem? Porque o juizado de menores não podia saber nem da viagem muito menos de Polvani. (O telefone começa a tocar) Nem a ida pra Lisboa foi Polvani ! (tirando o fone do gancho mas tapando o microfone) Polvani só as três primeiras noites no hotel de Lisboa. (Aurora faz uma expressão de desagrado enquanto Alberto atende o telefone) Alô ! Miguel ! Meu caro colega ! Como vai esse jornalista que não tira férias? (pausa curta) Hoje, claro ! Agora. (pausa curta) Olha, não dá nem pra descrever, foi uma loucura... (Aurora dá sinais de impaciência e olha na direção da porta que dá para os quartos.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

Pausa.) O que? Voltar a escrever? Revista nova? 'A Comédia' ? (Longa pausa) Bom, a Tupi acabou, né? Não há nenhuma razão pra acreditar... O que? Como assim? (pausa) Olha, não dá pra conversar isso agora, Miguel. Eu tou no meio de desarrumar as malas e ainda por cima exausto. Depois... (pausa) Colônia polonesa, o que, a vinda do papa? (pausa curta) Ah, Wiborova, claro, tou sabendo. Mas parece que tem outra que é melhor.. Polonesa também. (Aurora começa a mexer nas roupas da bagagem. Pausa) Tudo bem. Olha, tá falado então. Pode deixar que eu te ligo. Tchau. (Alberto desliga o telefone e vai pegar o copo para reabastece-lo de gelo e uisque. Enquanto bebe um gole ele vê Aurora francamente examinando sua bagagem) Olha fui eu que te chamei pra entrar, você explicou que o seu problema é com ele, tudo bem, eu dou força. Tem mais é que ter mesmo essa conversa que você quer ter.. Agora, acordar ele tem paciência. Você não sabe das consequências e isso eu não posso nem pensar em ter nada a ver. Tou falando por você mesma pra depois você não dizer que eu não avisei.

AURORA (racional) Escuta, Alberto. Não é a mim que você vai explicar do que que ele é capaz.

ALBERTO (sem ter prestado atenção a Aurora) E lá vem você querendo saber o roteiro da viagem. Coisa que nem eu sei...

AURORA (simpática, pegando a calça verde) De onde é que foi, hein Alberto, essa calça? Eu acho que é a calça mais bacana que eu já vi na minha vida. Paris? Roma?

ALBERTO Washington.

AURORA (surpresa) O que? Mas vocês foram a América também?

ALBERTO Claro que não. (debochado) Parece que bebe... (impaciente) O que que tem uma coisa a ver com a outra, hein? É Washington porque ela, a calça, veio de Washington e tem escrito Washington. Dá pra você entender?

AURORA (curiosa) E as fotos?

ALBERTO Que fotos?

AURORA O livrete que você fava procurando e achou. De Mykonos.

ALBERTO Quem disse que elas são de Mykonos?

AURORA Você tava explicando que a historia dessas ilhas gregas prova aquilo que você fava falando. Você disse não sei o que dos deuses gregos, da mitologia...

ALBERTO (ligeiramente pernóstico) Sim, Poseidon se não me engano, teve uma atuação importante lá. O próprio mar Egeu... você sabe..

AURORA (interrompendo) É praia lá? Trópico?

ALBERTO É o clima mediterrâneo em meia estação. É o ideal mas não por causa do clima em si, é um inferno de turista em agosto. Julho também aliás. Os deuses criaram alguma coisa lá, segundo os grandes textos. Tem um templo na ilha ao lado...

AURORA (curiosa) E vocês foram?

ALBERTO Aonde?

AURORA Ao templo na ilha ao lado.

ALBERTO Não. Claro que não: depois do que aconteceu no meseu de Atenas, foi o último!

AURORA Por que?

ALBERTO Não dava mais. Simplesmente não dava mais. É o que eu fava te dizendo justamente, o negócio da pessoa escolher um enfoque para explicar essa situação, que na verdade é uma tragédia grega mesmo, como você sabe melhor do que eu. Cada vez que o meu pensamento passa de relance, nos fatos, na família da mulher, no homem.. Puxa vida. Aurora.

AURORA (emocionada) É duro demais até pra pensar.

ALBERTO Eu busquei, o mais racionalmente que eu pude. Eu quiz proporcionar pra ele a cultura diretamente como ela existiu e existe na Europa. Ver essas coisas, entende? Não ouvir ou ser obrigado a ler uma série de ensinamentos. Dar a perspectiva direta da civilização ocidental.

AURORA (séria) E você acha que conseguiu?

ALBERTO Bom, claro, é aí que entra o X da questão. O comportamento dele..

AURORA O que que aconteceu no tal museu de Atenas?

ALBERTO Ah nada de mais, simplesmente o inevitável: ele bateu em mais uma pessoa. Tudo de novo.

AURORA (alarmada) Tudo de novo? Como assim? Em quem que ele bateu?

ALBERTO Num estranho, num pintor. Um pobre de um artista qualquer que tava tentando pintar a estátua. Sabe aquela estátua de Zeus, famosíssima, com os braços abertos?

AURORA O que que o pintor fez?

ALBERTO Bom, tava calor, o Xará tava de manga curta, o pintor viu a musculatura dele e...

AURORA E aí ?

ALBERTO Ora e aí ele quiz pintar, claro. Falou com ele, em Francês, e quando ele não entendeu ele ainda foi exagerar, babaca, fez uma encenação ...

AURORA E o Xará aí não conversou...

ALBERTO Mandou a mão, machucou o pobre do desprevenido lá, teve até os guardas todos do museu...

AURORA Bom, pelo menos tá na cara que esse tal do pintor provocou, né?

ALBERTO Mas não precisa de provocação não Aurora ! Eu tou te dizendo que você simplesmente não conhece ele. Como que eu posso pensar em termos de visitar templos com ele? Eu fiz o que eu pude...

AURORA (simpaticamente severa, pegando uma camisa estampada) Essa camisa daqui está numa das fotos de um dos álbuns, isso eu tenho certeza. Nele, ele usando esta camisa.

ALBERTO (peremptório) Essa camisa também é minha.

AURORA (provocadora) Agora, o que eu quero saber é se as botas são suas.

(Aurora reabastece seu copo de uisque)

ALBERTO Que botas?

AURORA Essas, Alberto. Desse verde brilhante. (Ela procura as bota por entre as coisas mas não consegue achar) Você sabe perfeitamente. Eu tava olhando nesse instante...

ALBERTO (sério) Você me dá a impressão que você não vê o lado sério da coisa. As vítimas. Aurora ! A família das vítimas ! Uma não tinha família mas a mulher que morreu tem !

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

AURORA (séria) O que que você pretende fazer?

ALBERTO Ele é livre. Aurora, esse é que é o problema. Fez dezoito anos, é maior de idade. O que que eu pretendo fazer..? Eu não tenho mais nada com isso. Eu pretendo voltar a trabalhar. Fazer minha crítica teatral normalmente, socegado...

AURORA Em que jornal?

ALBERTO (ligeiramente irritado) Sei lá em que jornal ! Eu tou desempregado, será que você não tá vendo? Ele precisa encontrar um trabalho, ele muito mais do que eu. Alguma coisa que interesse ele, que possa absorver o excesso de energia.

AURORA Esporte talvez...

ALBERTO Até isso. Claro ! Agora, eu não posso tomar a vida de uma pessoa nas minhas mãos. De repente você podia fazer alguma coisa por ele. Tem o problema das vítimas, da família, a própria opinião pública : a justiça ! Ele fez dezoito anos. Aurora !

AURORA Eu vim aqui pra resolver um problema meu, Alberto. Foi a primeira coisa que eu te disse. Eu fui uma das vítimas. Eu fui a única das vítimas que sofreu diretamente nas mãos dele. A única coisa que eu posso oferecer a ele é simplesmente esse diálogo, o fato de eu estar aqui, agora, pra falar com ele. Eu sou mãe de três filhos, Alberto. Desquitada. Eu não tenho nem condições de estar aqui, agora. Mas acontece, Alberto, que eu vivi esse dia 30 de agosto. Eu vivenciei tudo isso. E justamente o que eu senti a partir daquele dia, o que eu pensei...

ALBERTO (interrompendo) Você conseguiu aceitar?

AURORA Eu cheguei a um acordo comigo mesma, eu acho... Daí nasceu uma disposição de falar, de compartilhar a descoberta que eu fiz. Eu digo as pessoas, quer dizer, pessoas: duas ou três pessoas que são amigos reais mesmo. Nunca disse uma única palavra pras crianças. Teve até uma época que eu quiz dizer pros meus filhos, dizer tudo mesmo. Mas aí eu me controlei e não me arrependi não. O que eu tinha a dizer simplesmente tava num nível que não tinha sentido, psicologicamente, pra eles.

ALBERTO Mas pros amigos você disse: o que?

AURORA Isso, essa necessidade de usar esse enfoque, essa descoberta. De repente eu achei que entendi tudo, entende Alberto? Que eu falando com ele eu posso explicar, dar uma luz, como esta se dizendo agora, uma luz dentro da cabeça dele.

ALBERTO Bom, mas você sabe no que isso pode refletir, não é?

AURORA Pode refletir que pode ser uma tentativa inútil. Pode ser que eu fale e não dê em nada. Pode ser que ele nem escute o que eu tou dizendo.

ALBERTO Você ainda diz pode ser? Ele não escuta nada que ninguém diz !

AURORA Eu não posso fazer um julgamento pre-estabelecido, preconcebido. Eu quero justamente poder me abrir intelectualmente pra ele então poder qualificar mais, definir, até mesmo criar a posição dele diante da sociedade. Diante das pessoas mesmo, (séria) Eu vou te dizer uma coisa que eu ainda não disse a ninguém. Que eu só disse a esses três amigos, as únicas pessoas que eu ainda tenho em confiança. (emocionada) Eu resisti a imprensa, tá sabendo? Você se dá ao luxo de não ler jornal mas eu era a única que podia falar. A D.Lyda morta, despedaçada, o outro cego e mutilado: de quem que você acha que a imprensa foi correr atrás? Mas eu não disse uma palavra. Eles pressionaram, me torturaram dia e noite. Eu fui burra: fui dizer logo de cara que fiquei falando com ele mais de meia hora. Aí eles encarnaram em mim, claro. A antropóloga estuprada pelo terrorista. Teve um filho da puta

que ainda teve o descaramento de perguntar se eu achava que podia ter impedido o estupro. Você desculpa eu falar assim você sendo jornalista, mas a gente fica revoltada com certas coisas.

ALBERTO Tudo bem, eu sou só crítico teatral.

AURORA Justo, teatro é diferente. Eu não devia nem tar te dizendo isso, cara. Foi aí que eu declarei que não ia querer advogado. Encasquetei que ia me defender em causa própria, que tinha que ser ouvida pelas autoridades.

ALBERTO É, eu acho que eu li isso no Globo.

AURORA Pois é, mas o mais importante, justamente o que eles queriam saber eu nunca revelei, debaixo da maior perseguição jornalística que você possa imaginar. E televisão também.

ALBERTO O que?

AURORA O que? Televisão?

ALBERTO Não, o que que você não quis dizer.

AURORA (enfática) Ora, a conversa claro, Alberto.. Eu fui dizer na agonia do primeiro dia, na polícia, que ele falava comigo o tempo todo... Eu simples mente tive um colapso nervoso, debaixo da luz, na polícia... Chorava como uma desgraçada. Tinha acabado de ser estuprada, né Alberto? Aí é claro que eles iam cobrar. Queriam saber a orientação política, o motivo, o passado dele.

ALBERTO O motivo da bomba? Realmente eu acho injusto que venham a você pra explicar uma desgraça dessas. (Alberto reabastece seu copo de uisque e adiciona uma pedra de gelo)

AURORA Mas aí o que que eu fiz? Calei o bico. Disse que ele me ameaçou. Disse que ele me bateu. Disse toda a verdade mas nunca voltei a mencionar que houve diálogo. Nunca admiti nem admito a possibilidade do crime ter sido diretamente político. Eu acho que a especulação da imprensa em cima disso é uma coisa nojenta. Uma criança de 17 anos ! A imprensa tem que se conformar que o adolescente nessa idade simplesmente ainda não tem orientação política formada. Muito menos um adolescente como ele... Você pode imaginar? A infância que leva uma criança à marginalidade desse jeito?

ALBERTO Por que você não explicou isso então, à imprensa? Que o comportamento dele realmente não se enquadra em nenhuma definição. . . de ordem. . . Tatatá...

AURORA Mas claro, eu expliquei bem claro que ele só fez me bater e me ameaçar ! É justo isso o problema, que eu não abri o bico pra dizer.

ALBERTO (incisivo) O que?

AURORA Alberto, eu vou te dizer porque eu sei que você tá nessa história um pouco como eu: ficou uma dúvida, uma coisa que me persegue noite e dia, uma coisa...

ALBERTO (interrompendo) O que, criatura? O QUE??

AURORA (dramática) Ele me disse... Lá, durante o cerco, no dia... Ele declarou que é comunista. Mas não é, entende? Ao contrário, é o facismo nele que leva ele a esse tipo de atitude. Mas agora é hora de abrir os olhos, entende?

ALBERTO (sério) Você é simpatisante?

AURORA (séria) Sou.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

ALBERTO Até aí tudo bem. Eu me pergunto é como que você vai colocar pra ele.

AURORA Tem certas coisas que não podem ser ditas mesmo sendo verdade. A orientação política dele tem que ser escolha dele dentro de uma racionalidade, não pode ser uma bobagem que ele berra no meio de uma cena de terrorismo. E o pior é que isso vira o grande problema: o que que ele disse textualmente, o que que ele não disse. Isso tudo é muito pequeno, Alberto, e engana o povo. O que que isso pode querer dizer comparado com a verdadeira situação da vida dele?

ALBERTO (mecânico) Você diz antropologicamente?

AURORA (enfática) Também, claro ! É isso que eu quero dizer, quero não, vou dizer pra ele !

ALBERTO (fleumático) Você não tem medo que ele acorde?

AURORA Tem mais é que acordar mesmo. É ele que tem que entender que o que ele disse no dia não tem nada a ver.. O que que pode significar essa confissão assim jogada naquela cena de barbaridade? Nada, claro.

ALBERTO Mas o que você tá chamando de 'cena de barbaridade' foi bem real né Aurora? (olhando apreensivamente para o lado do quarto, baixando a voz) Ele matou mesmo , ele mutilou e cegou na vida real. Agora, a confissão que você disse, realmente ...

AURORA (nervosa) Não foi confissão ! Não foi confissão não. Foi um... comunicado, Alberto. Acho que eu até perguntei a ele, eu não me lembro bem. Foi uma resposta.

ALBERTO Resposta? Naquela situação você ainda teve a presença de espírito de perguntar se ele se afiliava a algum partido político?

AURORA Tive. Só tive.

ALBERTO (calmo, com bom senso) Então é porisso que... Sabe, Aurora, não é que eu ache que dá pra entender alguma coisa dessa história, mas uma coisa que ele tem raiva mesmo é quando a mulher toma consciência e afirma uma posição.

AURORA Como assim?

ALBERTO Mulher intelectual, entende? Ele tem uma espécie de aversão, sabe como é? Pelo menos é essa a impressão que eu tenho.

AURORA Aversão? Mas escuta aqui, Alberto, ele tem que entender que a razão que ele vai dar, a ideologia dele, não é só uma palavra enrolada pra se dizer: é importante, pra opinião pública, pra ele mesmo ! Agora que ele tá de volta possivelmente vai ser procurado peia imprensa de novo, Alberto! Ele tá com desoitco anos: ele não pode sair por aí dizendo que é comunista ! E o nosso povo, Alberto? A própria gente dele !

ALBERTO (célico) E você acha que ele vai entender isso?

AURORA Mas, pôcha, é isso que eu vim aqui pra explicar, cara! Ele tem que entender, afinal de contas ele não é burro...

ALBERTO (enfático) O que?

AURORA Ele só vai entender.

ALBERTO O que que você disse? Será que eu ouvi bem? Ele não é burro?

AURORA (ingénua) Por que? Você acha que ele é?

ALBERTO (olhando apreensivamente para a porta que dá para os quartos) Aurora, deixa eu te fazer uma pergunta. O Tião Medonho era inteligente?

AURORA (ligeiramente fleumática) Tião Medonho, qual era? Esses assim mais antigos a gente até se esquece...

ALBERTO (reabastecendo de uísque o copo de Aurora, gentil) Olha, eu até sinto te dizer isso, mas o QI dele não vai a cem nem naquela ,versão trotsquista dos testes...

AURORA (quando diz 'exagerando' ela faz um gesto para que Alberto pare de despejar uísque em seu copo) Ah não, tem paciência, você tá exagerando um pouquinho. Já vi que você deve ser daqueles que acham que o povo ainda não está preparado para votar...

ALBERTO (jovial) Não, não chego a tanto não. Não vou negar que eu acredito no preparo. Eu sei que o preparo é tudo mas fora disso sou absolutamente democrata. (pausa curta) Então, Aurora? Você quer ou não quer ver as fotos?

AURORA As tais... da ilha de não sei o que?

ALBERTO É, é isso aí. Ilha de Mykonos.

AURORA Ué, você fava procurando, certo? Cadê o livrete?

ALBERTO (malicioso) Ah... agora quer ver, né?

AURORA Por que?

ALBERTO (maldoso) Nada, é a ilha que eu te disse. Que tem a praia de nudismo, mas também lá só foram duas semanas...

AURORA (chocada) Praia de nudismo? (Alberto solta uma gargalhada) Você levou o Xará à praia de nudismo?

ALBERTO O que que você acha?

AURORA E ele não bateu nas pessoas, não teve uma reação, não agarrava as mulheres?

ALBERTO Não, nada disso. Manso e civilizado. Também, no berço da civilização... Aquelas ilhas, é como eu fava te falando, né? Claro que ele teve umas reações. Mas numa boa, esporadicamente. Claro que comeu as mulheres, uma de cada país. Bater também, num cidadão de cada país que a gente ia visitando..

AURORA E as fotos?

ALBERTO (malicioso) Agora quer ver, né ? Tudo bem , vamos nessa. (Ele começa a procurar o livreto novamente. O telefone começa a tocar. Ele se dirige para o telefone mas, a meio caminho, volta para pegar o copo. Ele percebe que o copo está vazio e pega a garrafa de uísque para reabastece-lo enquanto o telefone toca mais e mais)

AURORA (um segundo antes de Alberto finalmente atender o telefone) Alberto, eu acho que eu vou embora...

ALBERTO (ao telefone) Alô.

AURORA Esse cara não acorda mais e... (Alberto faz sinal com a que ela espere. Ao telefone, exageradamente estupefato) Paulo Castro e Lima ! Mas que prazer, rapaz ! Você me telefonando ! (pausa curta) Ele te disse, né? Agorinha mesmo, do aeroporto.. (pausa) O que, eu escrever? Pra você? (pausa) 'A Comédia' , né ? Que tipo de revista, hein Paulo ? (pausa curta) É, ele me disse isso. (pausa) Hum , mas você não sabe que eu fui despedido porque falava bem demais das peças? (pausa curta) Pois é, mas crítico não pode ser generoso, todo mundo sabe disso. Tem os leitores sérios, que acompanham, os editores...

(Aurora que deu vários goles de uísque durante a conversa telefônica, está ligeiramente alta)

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

AURORA (aproximando-se de Alberto, em voz alta) Alberto, escuta, é melhor eu ir !

(Alberto, sempre escutando ao telefone, leva o dedo indicador aos lábios pedindo silêncio e depois agarra Aurora pelo braço fazendo-se dar meia volta)

ALBERTO (ao telefone) Eu já vi que isso é papo sério, (pausa) Claro, claro. (pausa) Sim, a função do crítico tudo bem, mas você tem que ver o lado existencial. (Aurora desiste de ir embora e começa novamente a mexer na bagagem) O que, os meus colegas? Mas eu me acho muito mais parecido com eles do que você pensa, (pausai curta) Claro, mutatis mutandis... (pausa. Aurora por entre a bagagem se apaixona por uma camisa e por um cinto grosso com grande fivela prateada)

AURORA (para Alberto e para si mesma combinando o cinto com a camisa) Ah, que graça! Isso aqui tá demais mesmo.. Alberto!

ALBERTO (ao telefone, enquanto Aurora se extasia diante das roupas; peremptório) Eu acredito no teatro brasileiro. Claro! (pausa curta) Claro, São Paulo também! (pausa curta) O que? As 'Histórias do Subúrbio'? Claro que eu não esqueci. Só falta escrever, (pausa curta) Justamente, é isso mesmo. (pausa curta) Consultar ele? Claro, como não. Eu até gosto muito dele. Você vai ver quando falar com ele.. (pausa) Eu não sei se vou estar em casa. Talvez eu saia daqui a pouco, sabe? Pra almoçar... (pausa curta) É. Tá perfeito, senão eu ligo pra você. (pausa curta) Outro-grande pra você, tchau. (Ele desliga o telefone; para Aurora, satisfeito) Viu só ? Nem bem cheguei e já sou logo solicitado pra trabalhar. É o tal do preparo que eu te falando...

AURORA (um pouco bêbada, lógica) É o teatro que se expandiu também, né Alberto? Não parou tudo só porque você foi pras ilhas gregas.. Agora, sem censura, nem é só a própria expansão natural, teve toda uma riqueza de textos desemgavetados. Sucesso, entendeu ?Coisa que como crítico você talvez até nem goste..

ALBERTO Eu? Não gosto de sucesso? Deixa eu te mostrar as fotos...Hum... Cadê?

AURORA (compenetrada) Você fotografou ele nu?

ALBERTO (reprovador) Não, que é isso. Aurora... (fleumático) Praia de nudismo, na Europa pelo menos, você não é obrigado a tirar a roupa não. É uma coisa livre, cada um fica nu quando quer e como quer, ele não quiz tirar a sunga. Assim mesmo foi o maior sucesso !

AURORA (inquisitiva)E você?

ALBERTO Eu o que?

AURORA Quis ou não quis tirar a roupa?

ALBERTO (pudico) Eu, nunca, minha filha! Conheço todas as praias livres do mundo, digamos assim, muitas delas pelo menos, e nunca fiz nudismo em lugar nenhum. E não foi por falta de insistência não. É que não se coaduna mesmo comigo. Não gosto, sabe? Não me deixa à vontade e o que não te deixa à vontade tá na cara que não é pra fazer, certo?

(Sem prestar atenção. Aurora remexe nas bagagens durante a fala precedente de Alberto ate que acha um grande CACHIMBO AQUÁTICO de plástico colorido e longo tubo que da a nítida impressão de ser do tipo usado por drogados americanos)

AURORA (horrorizada, com o objeto na mão) Que que é isso?

ALBERTO (rápido, indo diretamente ao livrete de fotos) Brinquedo, minha filha. O que que você quer? Você não sabe que nos Estados unidos tem tudo de brinquedo? (Colocando uma

fotografia bem perto da cara de Aurora) Olha só que barato, Aurora ! Mykonos! (Aurora coloca no chão o Cachinbo Aquático e olha a fotografia)

AURORA O que que é isso?

ALBERTO O hotel, claro.

AURORA (vaga) Hotel?

ALBERTO Claro, o hotel em Mykonos.

AURORA E aí?

ALBERTO (passando a página para duas mais fotos) Essas.

AURORA Montanhas bem áridas, né? Clima seco, lá?

ALBERTO Bom, é mar mas é. É seco. (mostrando) E aqui são as casas deles, certo coitadinho de branco. Bonito ... AURORA E as pessoas são bonitas lá?

ALBERTO (sem convicção) São. Muito. A Grécia tem um tipo de clima, uma atmosfera, uma vibração que você não encontra em nenhum outro lugar.

AURORA (virando outra página) E aqui é você.

ALBERTO E na outra ele.

AURORA Ele? Onde?

ALBERTO Aí. La atras no fundo, aquele vultinho..

AURORA (rindo) Essa tá boa...

ALBERTO Eu tive o requinte de enquadrar ele assim meio fora de foco lá atrás...

AURORA (virando outra página, jovial e gaiatamente indignada) Não!

ALBERTO (olhando apressado para ver de que foto se trata) O que?

AURORA (espontânea) As roupas mais lindas que eu já vi, cara! Esse cara podia ser modelo !

ALBERTO E o que que cê acha que eu digo a ele o tempo todo? Claro que devia. Mas precisa de uma seriedade também. Vida de modelo é fogo. Acordar cedo todo dia. Se cuidar o tempo todo.

AURORA (passando duas páginas do livreto durante a fala) Paisagens.. Mykonescas... É Mykonescas que se diz? Ah não... (começando a rir muito ao ver a nova fotografia) Essa aqui tá uma piada! (rindo muito; Alberto chega perto de Aurora para poder ver a foto ao mesmo tempo e de tal forma que ambos estão de costas para a porta que dá para os quartos) Ah, essa eu quero ver na luz !

(Ambos se levantam excitadamente para examinar a foto contra a luz que pende do teto quando, Aurora rindo, entra Xará sem ser visto e caminha para os dois que estão de costas para ele)

XARÁ (antes de reconhecer Aurora; para Alberto com voz de marginal íntimo mas profundamente hostil) O belezoca... (Ambos Aurora e Alberto se viram imediatamente quando ouvem Xará; Xará reconhece Aurora e explode num verdadeiro acesso de euforia. Na posição de Gilmar segurando a taça em 1958) Bra-sil, Bra-sil, Bra-sil! (agarrando Aurora e suspendendo-a no ar) Au-ro-rá! Bra-sil! Au-ro-rá! Bra-sil! Bra-sil!

AURORA (simpática) Socorro! Cuidado, eu tou caindo!

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

XARÁ (ainda com Aurora nos braços, começando a tropeçar nas bagagens espalhadas pelo palco) Auro-rinha !

AURORA (espontânea) Ai ! Que alegria!

XARÁ (rodopiando com Aurora caoticamente) Coroona, garotona!

(Em sua euforia Xará pisou bem no meio da grande mala aberta e esta quase pisando no Cachimbo Aquático de exótica porém moderna aparência que está ao lado)

ALBERTO (precipitando-se para salvar o cachimbo) Cuidado!

AURORA (já com os pés no chão mas sufocada por exageradíssimo abraço) Me solta! Ai ! Aiiieh!

XARÁ (finalmente largando Aurora, berrando) Aurorona!

AURORA (tomando fôlego) Ficou com saudade?

XARÁ (infantil, peremptório) Aquilo lá é uma bosta, essa tal de Europa.

AURORA Você queria voltar?

XARÁ Claro que queria. Foi só eu chegar lá que eu já queria logo voltar. Quer dizer, também não tou querendo fazer pouco não, hein? Paris, pó, tem seu valor, mas tu tá sacando né coroa, os brotinho daqui, ah num tem feito aqui não. De jeito nenhum. O que? Lá? Minha Nossa Senhora de Copacabana, meus brotinho do Rio de Janeiro, meu Meier, meu Caxias, meu Madureira, meu baixo Leblon..

AURORA (sem interromper) Tua cidade inteira, cara!

XARÁ (gritando) Minha Cidade de Deus, caceta ! Meus crimes, meus amigos! Minha Nossa Senhora de Copacabana, tou te dizendo, coroa! (seriamente empolgado, segurando Aurora) Eu não posso é sair do território, tá sacando? Eu tando aqui no meu próprio território eu posso perfeitamente tar tranquilo, tá entendendo, ali, descobrindo a cultura na maior. Mas lá na puta que pariu...

AURORA Pelo jeito você se deu bem. A julgar pelas fotos...

XARÁ (ultrajado, ligeiramente violento) Quem te mostrou essas fotos?

ALBERTO (enfático) Ela ainda nem viu as fotos! Eu mostrei duas pra ela!

XARÁ (agressivo, para Alberto) Não te perguntei nada, ó pinguim.

AURORA (simpática) Eu vi uma que você parece um modelo, cara. Um profissional mesmo da publicidade!

XARÁ (com raiva) Qual foto?

AURORA Você de blazer cinza numa casa branca...

XARÁ (desconfiado) Casa branca ?

ALBERTO A foto de Mykonos, Xará .

XARÁ (severíssimo, para Alberto) Você mostrou pra ela as fotos daquela merda?

ALBERTO (calmo) Ela pediu pra ver uma foto, justamente a foto que você parece a propaganda de charuto na TV.

XARÁ (agressivamente incrédulo) Propaganda de charuto? Na TV?

ALBERTO (conciliador) É, Xará. Com o blazer cinza que aquela garota loura te emprestou.

Se lembra?

XARÁ (severamente inquisitivo) Qual, a alemã?

ALBERTO Justamente. A escandinava. Acho que era norueguesa, não, que que ela era? (peremptório) A que não quiz te dar, cara. A que você cantou a toa mais de uma semana. Aquela que você quiz e não teve!

XARÁ (enfático) Mas o blazer ela deu, né não? (agressivo) No cú que aquela branca azeda eu não ganhei; lenço de papel, usar e jogar fora. Não ganhei porque não quiz, babaca como ela só, (para Aurora) os peitinho chega a era amarelos de tão branco, muito pior que os teus. Queria era aparecer na foto, isso sim, toda hora, queria era tirar fotos com a gente (para Alberto) com os teus filmes, me agarrando na foto e fora da foto, bébébé bébébé... Que fava comendo o otário lá no hotel ao lado.. Mulecona mesmo!

AURORA (enfática) Mas o importante é que você tá um verdadeiro profissional na foto, você é um modelo natural...

XARÁ (lembrando-se das fotos, furioso, para Alberto) Você mostrou as fotos pra ela, cara...

AURORA (conciliadora) Foi uma foto só, a do blazer, mas eu quero ver as outras...

ALBERTO (peremptório) Duas fotos, cara. Agora você mostra pra ela o que você quiser. A bagagem tá toda aí, aliás, por culpa tua, olha só a zona que a sala já tá...

XARÁ (um pouco arremedando) Caguei pra zona que a sala já tá...(agressivo) Eu só quero saber uma coisa: quem te deu autorização pra mostrar essas merdas pra quem quiser, hein? (aproximando-se de Alberto, ameaçador) Pode responder?!

ALBERTO (desafiador) Sabe quem me deu? Foi a Kodak; Multinacional pra teu govêrno ! (conciliador) Ela viu uma foto, cara, agora o que você vai mostrar ou deixar de mostrar, eu é que caguei solenemente, tá sabendo ? Faz o que você quiser mas não me mete no meio. . .

XARÁ (lento porem furioso, berrando) Ouve só, seu merda...

AURORA (interrompendo, agressiva, para Xará) Pêra aí um minuto, agora sou eu que quero ver essas fotos, vai, me mostra aí...

XARÁ (furioso, para Alberto) Me da essas merda !

AURORA (arrependida de ter exigido as fotos, conciliadora, entregando um livreto de fotos para Xará) Ta aí, todo seu. Agora, por favor, você chegou de viagem, eu nunca saí do Brasil: por favor me mostra alguma coisa da sua viagem, de preferência alguma coisa viva, que possa me dar a idéia da verdadeira atmosfera lá. Tá entendendo? Alguma coisa que não seja cartão postal. . .

XARÁ (ligeiramente menos agressivo, com o livreto na mão mas sem abri-lo) Que não seja cartão postal? (carinhoso, para Aurora) Escuta, ô, Aurorinha. Eu por mim te mostrava a bagagem inteira, tá sabendo?

ALBERTO (teimoso) Vamos mostrar pra ela, ora...

XARÁ (para Alberto, ameaçador) Cala a boca, porra. Eu tou falando legal, tu vem... (caloroso, para Aurora, compassado) Escuta, não leva a mal nada disso não, tá?

ALBERTO (teimoso) Mostrar o que? Já está tudo mais que escancarado pela sala toda...

XARÁ (furioso) Eu vou te dar uma porrada, cara... Não pensa que só porque..

AURORA (interrompendo, berrando) Me mostra qualquer coisa, droga, mas me mostra! Para

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

de brigar e de gritar! Que bosta de recepção é essa? Cês tão pensando que só porque chegaram da Europa que podem sair berrando por aí é? Chega! Não quero mais ver bagagem nem saber de história nenhuma !

(Ofendida, ela pega seu copo e bebe um longo gole de uisque. Alberto quer fazer o mesmo mas, tendo o copo vazio, dirige-se para a garrafa e se reabastece. Xará, para dar vazão à raiva, agarra o livrete de fotos que já tinha na mão esquerda com a direita e zuque-o para algum canto do cenário)

XARÁ (ultrajado) É isso então. Eu tou dormindo, vocês dois só tão malhando a porra do uisque. (para Aurora) Agora, presta só atenção: eu vou pegar a garrafa, vou molhar a garganta e o babacão aí ainda vai dizer: (arremedando) 'Ui, não bebe tanto, Xará!' (Chegando bem perto de Aurora para berrar) Fui eu que comprei aquela merda ! (Xará se dirige para a garrafa e sob o olhar alarmado dos dois ele bebe profusaente direto do gargalo. Terminando o enorme gole ele arrota) Caralho de merda. (Encarando o rótulo da garrafa longamente) JB: Jornal do Brasil ! Táí , só agora que eu entendi: corrupção do caralho...

AURORA (ofendida) Olha, quer saber de uma coisa, eu é quer não tenho absolutamente nada que tar fazendo aqui. (levantando-se) É isso aí, já dei minhas boas vindas a vocês e agora vai ficar pra próxima...

XARÁ (Calmo, lento, mas com muita segurança, levantando-se também) Não, agora não, Aurorinha. Qual é? Tu não vai fazer isso comigo, né pó? Porque eu tenho alguma coisa e muito pra te dizer... Quem foi que te mandou vir aqui, se apresentar: fui eu, não foi?

AURORA (agressiva) Não, cara, não foi você não. Ninguém me mandou vir aqui, tá sabendo? Eu vim porque eu sou uma babaca que ainda acreditou, pensou, que ia poder falar dos meus grilos, meus problemas, meus filhos, cara ! Babaca de pensar que ia encontrar ouvidos de vocês ! (dirigindo-se para a porta) Já era, cara...

XARÁ (sensibilizado, colocando o braço em torno do pescoço de Aurora) O, Aurorinha, antes de mais nada eu te respeito, ouviu? Tu já foi minha um dia... Isso pra mim muda tudo..

ALBERTO (prestativo, acreditando que Aurora conseguirá ir embora) Tuas coisas, Aurora. Sua bolsa tá ali.

XARÁ (explodindo furioso para Alberto, sem largar Aurora) Cala a boca, porra ! Não tá vendo que eu tou falando com ela?! (ameaçador) Te dou um dedo na costela.. (Para Aurora com extrema doçura) Aurorinha senta aqui de novo. Sou eu que quero falar contigo agora. Aurora. (Fazendo com que Aurora se sente) O problema é a gente, certo? Eu com você, você comigo. O Alberto não tem picas a ver com essa história...

AURORA (arrazada) Pra que tudo isso? Cara, pra que a bosta da violência?!

XARÁ (enfático) Mas quem é que tá falando de violência, pó? Quero falar contigo, qual é? Não posso não? Nem falar eu posso, pó? Poxa, coroa, depois de um ano fora, sofrendo , ali, concentrando na cultura, aprendendo a porra da civilização, um ano exilado pó...

AURORA (com raiva) Exilado... em Mykonos !

XARÁ (lançando um olhar de ódio para Alberto, com doçura para Aurora) É, aquilo é tudo a mesma porra. Aurora... Ilhas gregas, Europa... Foi pela minha reabilitação, integração. Aurora. Foi pra isso que o Alberto me levou, não da pra você entender não? Ele me ajudou, pó. O que que você queria? Sem ele eu ainda fava no juizado, pó, de menores... (orgulhoso) Tou com 18 anos na cara...

ALBERTO (para Aurora) Ele surpreendeu o mestre Cluny, o Claude-Michel de Paris... Chegou na hora não deu pra transar o encontro: eu queria que ele recebesse, ficasse conhecendo o Xará. Mas pelo telefone ele acompanhou a viagem. Simplesmente um dos caras mais inteligentes que eu jamais conheci.

(Pausa. Aurora quebra o gelo com alguma energia)

AURORA (resignada, para Alberto) Qual é a especialidade dele? Terapeuta?

XARÁ (interrompendo, continuando o raciocínio de Alberto) Não foi um nem dois os caras que eu conheci. Fui apresentado sim, tudo pessoas do mais alto que tem. Especialistas, sim senhora.

AURORA (para Xará) E o que que eles disseram?

XARÁ (impaciente) Mas é isso, Aurorinha. É isso que eu tou tentando te explicar há duas horas. (grosseiramente simpático) Não tenho nada pra esconder não, coroa do rabo! Vem cá, me dá um abraço ! (Ele faz Aurora levantar e , a contragosto, receber um longo abraço) De amizade! Eu quero que você sabe que eu sei te dar um abraço de amigo. Que nem aquele cara que tá sentado ali bebendo, tá vendo (Ele aponta enfaticamente para Alberto) Aquele ali é meu grande amigo! Ai de quem botar a mão num fio de cabelo dele... Você também. Aurora. A mesma coisa pra mim. E de repente você insiste de não ouvir o que tou te dizendo. Eu entro numa que você pensa que eu sou atrazado mental ou uma porra qualquer dessa... Diz pra ela, Alberto! Diz pra ela se eu tenho ou não tenho a capacidade! Quando eu quero, muito do meu jeito. Pó, Aurora, se tu veio aqui pra dizer que eu sou burro ignorante, qual é? Não tem nada a ver, pó. . .

AURORA (enfática) Eu vim aqui pra falar de mim mesma, cara. O Alberto sabe disso porque o Alberto e eu falamos enquanto você dormia. O Alberto e eu, entre nós tem um diálogo! Você só sabe agredir, cara! Não tem nada a ver: eu é que digo não tem nada a ver. Eu fiquei marcada, cara, por aquele dia. Entende? Afetou minha vida psíquica, minha cabeça!(Xará se dirige para a garrafa de JB e bebe sempre pelo gargalo. Quando Aurora recomeça a falar, ele dá as costas pra ela e bebe ignorando-a ostensivamente.) Eu não vim aqui pra te pichar, cara ! Tira essa totalmente da tua cabeça. Cara, se eu tivesse a fim de te atrasar eu não vinha falar contigo não, eu ia à justiça. A justiça tudo de novo, tá entendendo, que você ia ter que encarar. Tu fez dezoito anos, garoto! Vê se cria um mínimo de vergonha, cara... Um mínimo... Vergonha na cara !

XARÁ (pernóstico) Eu sou racional aos seus argumentos. Vou te provar isso, coroa. Porque tu é inteligente mas eu não vou te deixar montar em cima da minha mente também não ! (apontando para a própria cabeça) Eu tenho aqui dentro alguma coisa da minha maneira também ! Eu até quero que você vê tudo, inclusive todas as fotos também! (pegando Aurora pela mão ele faz com que ela se levante e venha se ajoelhar diante da bagagem. Xará fala com verve e muita segurança para ambos Aurora e Alberto) Tá vendo aí? Uma puta bagagem ! Sob medida mesmo pra quem foi em busca de alguma porra e trouxe de volta aquela cultura na maior ! Minha bagagem cultural de civilização , tá sabendo? Minha não, nossa. Que o Alberto é o meu melhor amigo e isso eu já te comuniquei até. (Levantando a valise Vuitton) Tá vendo isso aqui? Pois é, parece uma simples maleta, sacola mesmo, mas não é ! Entendeu? É simplesmente Vuitton, tá sacando? Vuitton ! Tá sacando o que que isso quer dizer? Já tou vendo que não, pó. Duzentos e desessete dó-la-ré s! (agressivo) E dólar, você entende? Já ouviu falar? Sabe o que que quer dizer?

AURORA (irritada) Na França são francos, ô, sabe-tudo bobinho: valise francesa comprada

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

na França com francos franceses. (rindo sarcástica) E vale mais o franco que os teus dólares...

XARÁ (excitado) Vale uma bosta ! Se cagam pelo tal do dólar, na França sim senhora. Eu vi, porra! E não vem me dar banho de política internacional não, coroa ! porque eu vi porque eu tava lá. Não é li no jornal não, porque jornal mente pra poder alguém ler. Senão não tinha ! Eu sei que não foi você que me mandou recorte de jornal não, pode ficar tranquila. Eu mesmo sei quem foi e vou acertar minhas contas.

AURORA (que durante a fala de Xará havia achado a calça verde pela qual se havia entusiasmado antes; para Xará com a calça na mão, peremptória) Isso aqui é que vale ouro. Esse tom de verde... O que que você tem a declarar?

XARÁ Minha. Escolhida a dedo.

AURORA (Para Alberto) Ué, você não disse que era sua, Alberto?

ALBERTO (discreto, tomando um gole) Eu dei pra ele. Aurora. Verde-esperança...

AURORA (ligeiramente irônica) Essa passagem por Paris deve ter custado muitos francos franceses...

ALBERTO Eu tentei dar uma visão geral a ele. Da civilização.

XARÁ (espontâneo) Olha, coroa, francos franceses, francos alemães: dinheiro é tudo a mesma bosta. É quem tem e quem não tem ! Seja cruzeiro ou até a nota de cem dólares ! O francês é o mais bunda-mole, sinto muito em te informar. É bébébé, bububú, bibibi, fazendo aquele biquinho.. Os brotinho amarelão te encarando na tua cara... Tem suas excessão, tá sabendo? Tem francesa princesinha, isso tem que eu não vou negar... Vem cá, dragãozinho Ah, meu Santo Cristo, será que eu sou São Jorge? Virei São Jorge, pó?! (pegando Aurora novamente pela mão e fazendo-a sentar-se diante da outra mala) Vem cá que o papai tem uns bagulho pra te mostrar.

AURORA (olhando de relance para o grande Cachimbo Aquático que está bem visível mas que Xará continua ignorando) Já vi que tem muito bagulho nessa bagagem. Me diz uma coisa, como é que vocês passaram na alfândega, hein? Não tem uma autoridade não, que controla essas coisas?

(Xará abre a mala que está cheia e tira um chapéu de homem achatado)

XARÁ Tá vendo isso aqui?

AURORA Que que tem? Na tua cabeça ele não entra...

XARÁ Quer saber o que que é? Relíquia !

ALBERTO (informativo) Eu expliquei pra ele nas igrejas que relíquia é um objeto que fica de um santo...

XARÁ (lógico) É isso aí: esse chapéu pertenceu a um santo que se meteu a engraçadinho comigo... Quiz falar grosso e sifo... Mais um que tirou o chapéu e deu o chapéu... Arrebentei os cornos...

AURORA (assustada) Francês?

XARÁ Não ! Italiano babaca.

ALBERTO (fleumático) Esse não é o chapéu do português não? Esse não é o menor?

AURORA (indignada) Chapéu do português? Mas que negócio é esse? Você saiu matando a população da Europa assim é ?

ALBERTO (sério) Que matando. Aurora, Deus me livre! Como muita gente lá usa chapéu ele entrou numa de fazer tirar o chapéu e...

XARÁ (interrompendo, agressivo) Bati sim senhora, meu dragãozinho. Pode ficar tranquila que eu não matei ninguém não. Fui lá, exilado, mas em visita de cortesia. Dei porrada em quem me provocou. Por coincidência, puta coincidência o português também tinha chapéu...

ALBERTO (chato) E o que que o espanhol tinha na sua oponião?

XARÁ (agressivo) Cala boca, ô comedinhal O espanhol tinha merda, muita na cabeça!

AURORA (irritada) Eu só quero saber uma coisa: o que que eles te fizeram, essas pessoas?

XARÁ (enfático) O que? Em Veneza?

AURORA É, em qualquer lugar, em Veneza, pronto.

ALBERTO (teimoso) Esse chapéu é o do português.

XARÁ (ameaçador, para Alberto) Te dou uma porrada, cara ! (para Aurora, paciente) Em Veneza? Vou te dizer mesmo, na maior. Não tenho nada pra te esconder não, viu coroa? Pro teu governo em Veneza nem foi comigo ! (Apontando para Alberto) Alá, ô, o teu amiguinho lá Alberto é que foi a causa.

ALBERTO (enfático, para Xará) Eu não pedi pra ninguém me defender, muito menos você. E me defender de que? (para Aurora) Isso é que eu gostaria de saber !

XARÁ (furioso) Como assim de que? E tu acha que eu vou andar na rua do teu lado e neguinho vai mexer contigo, te gozar na minha cara e eu vou baixar a cabeça? Antes só do que mal acompanhado, cara ! Comigo não, violão ! Sou sujeito macho até em Veneza, debaixo d'água, tá sabendo?

AURORA (enfática) Será que tu nunca vai aprender a ignorar o vizinho não?

XARÁ (ultrajado) Ignorar o vizinho? Nunca, tá sabendo:? No dia que eu faço isso eu tou fodido, tá sabendo? Não mesmo...

AURORA E é claro que o português, o espanhol, o italiano só pode ser a mesma história...

XARÁ (enfático) Nem você eu poderia ignorar, ouviu bem, ô, meu dragãozinho.. Escuta aqui, Aurorinha: existe o fato que eu sou quem eu sou.Seje português ou espanhol, na Grácia, Veneza, na puta que pariu: eu continuo Xará. Muita honra, cabeça erguida pra qualquer parceiro, sacou? Não vim ao mundo pra ignorar o vizinho não, tá sabendo ?

AURORA (incisiva) O que que cê faz pelo teu vizinho, de bom ! O que?

XARÁ (zangado) Já vem você com a tua política de novo! Eu já me declarei pra você uma vez e tu não gostou, ô, antropóloga ! Mas pode crer que eu não mudei não. A viagem só fez confirmar o que eu já sabia, (com voz de marginal) Vou repetir na tua cara, burguesona: sou comunista, pó. Não quero ter que repetir isso não. (ameaçador, para Alberto) E isso vale pra você também. Apesar que você se j e meu amigo e eu sei que você também tem suas idéias. Quando chega nesse território da guerra e eu também me encontro no meu território, esse São Sebastião do Rio de Janeiro, ali, sofrendo o santinho com uma porrada de flecha cravada nele, aí eu viro bicho, compadre, comade. Eu não vou entrar nesse lance pra papo furado de antropóloga estudante não! (colocando novamente o braço em volta do pescoço de Aurora, carinhoso) Aí, corazona, não vai me levar a mal não... Não é nem mais de você que eu tou falando de tão puto que tu me deixa! Não repara, gatona. Tá na cara que eu sou um cara nervoso, pó, sempre fui estourado. Tem certas coisas que não dá pra aguentar, o sangue mexe

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

numa boa te avisando que aquilo tem que sair, aquilo te empurra pó...

AURORA (filosófica) Cara, tem hora que dá pra chegar a pensar por um instante que tu não é louco. Que o teu passado, que a sociedade que te criou, quer dizer, que te inventou porque você não tem realidade bastante pra ter sido criado. Nem à imagem de Deus e muito menos à imagem do materialismo histórico. Eu não preciso nem mencionar o papo político. Pode ficar tranquilo que isso já dançou na minha cabeça!

XARÁ (sarcástico) Já dançou... Moderninha a coroa, pó.

ALBERTO (para Aurora, compenetrado) Escuta só, já que eu não tenho a mínima esperança de entender o papo que vocês tão levando, muito menos como que a política entrou nisso pra começo de conversa, pelo menos eu quero ter certeza do que eu ouvi: o que que você disse quando...

AURORA (enérgica, interrompendo e totalmente ignorando a fala de Alberto; para Xará) Tem coisa que é só sentir, cara, direto. Não é na convicção que eu me choco em você. É o teu comportamento, cara, relacionamento. Vê se entende isso. Quando a violência se apodera de você, o facismo dentro de você!

XARÁ (irritado) Ih, qual é, comadre? Vai começar de novo? Vira o disco, pô, pela madrugada. Sabe de uma coisa? Vem cá. (Ele mais umavez agarra Aurora pela braço para coloca-la em posição para ver algo) Tem um bagulho que eu quero te mostrar, foto. Tu queria ver as fotos, né? Falou, vai ver. Mas numa boa, dragão, fica mansa que o São Jorge aqui tá cansado pra caralho. (conciliador) Gata mansa, vai ver as fotos, os objeto de arte, roupa, tudo o que quiser e ainda pode dizer o que quiser (para Alberto) Agora sou eu que tou comprando socego. Tu saca isso, certo? Se alterar pra que, né? (pegando a garrafa de JB) Aí, vou beber mais um gole. Todo mundo de copo vazio, vamos reabastecer! (Ele reabastece generosamente primeiro o copo de Alberto e em seguida o de Aurora dizendo:) D.Aurora! Mãe dedicada de três! E eu, não tenho copo não? Ah não, eu quero copo, gente fina é outra coisa. (Ele sai pela porta da cozinha, gaiato) O copo esta na copa!

ALBERTO (certificando-se de que Xará saiu mesmo, cochichando alto para Aurora, alarmado) O livreto! Cadê?!

AURORA (calma) O livreto? Qual deles?

ALBERTO (cochichando alto, alarmado) Aquele! Que você tava olhando quando ele acordou!

AURORA (pegando um livreto de fotos e dando a Alberto) Tá aqui, ué. Acho que é esse.

ALBERTO (abrindo o livreto, alarmado) Não é esse não!

AURORA (enquanto Xará entra de volta assobiando com um copo na mão. O copo de Xará é diferente e maior que os de Alberto e Aurora) Acho que ele zuniu pra lá... Sei lá...

(Alberto tosse alto para que Xará não perceba a conversa)

XARÁ (assobiando algumas notas, para Alberto) Se lembra daquele copo inglês?

ALBERTO (fleumático) Copo inglês?

XARÁ Aquele que eu queria levar do hotel e tu não deixou...

ALBERTO Bom, não dava pra ter mais problema de hotel, né?

XARÁ (ofendido) Ih, qual é, cara, tou falando numa boa, lá vem você...

AURORA (mudando de assunto) Cê gostou da Inglaterra?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

XARÁ (espontâneo, para Aurora) Merda, pó. (para Alberto) Tou de saco cheio das tuas provocações ! (servindo seu copo de gelo e uisque, sofisticado para Aurora) Quer saber de uma coisa? Gostei da Inglaterra sim. Tou aprendendo inglês numa boa. How are you? Do you speak English? Tá sacando? Difícil pra caralho, êta paisinho esquisito da porra. Quer ver uma coisa? Tem o trânsito certo ? Pois é : lá é ao contrário.

AURORA (fazendo-se de boba) Mão dupla?

XARÁ (gesticulando) Simplesmente a mão direita é pela esquerda e a esquerda pela direita !

AURORA E você dirigiu lá, nesse tráfego?

XARÁ (para Aurora) Eu quis ensinar pra eles, cara.. Com calma, numa boa...

ALBERTO (divertido) Ele ensinou futebol pros ingleses. Aurora: os inventores do foot-ball...

XARÁ (enfático) Neguinho ruim! Como eu nunca vi aqui; nem em Minas Gerais: pema-de-pau do caralho!

ALBERTO (jovial) Eu te disse: bom na Inglaterra só o teatro, (para Aurora) Nós fomos ver Evita.

XARÁ É, altos musicais lá...

ALBERTO (provocador, para Aurora) Ele gostou do Che Guevara...

XARÁ (agressivo, para Alberto) No cú, Che Guevara! (jovial, para Aurora) Ah, a camiseta inglesa! Era isso que eu queria te mostrar! (Ele mais uma vez agarra Aurora pelo braço postando-a em posição em frente a uma das ma Ias) Vem! Só pra tu sacar o quilate da minha bagagem!

AURORA (jovial) 22 quilates ou 18 quilates?

XARÁ (serio) 22? O máximo é 25, né? Ou 925?

AURORA Não, isso é prata!

XARÁ (tirando um bolo de roupas de dentro da mala) E bagagem, tem quilate?

AURORA (simpática) Depende de você.

ALBERTO (simpático) O importante é a bagagem cultural. Xará. Se lembra no avião: eu te explicando que a bagagem cultural não tem limite de peso?

AURORA (informativa) Claro! Nem tem alfândega, nem tem passaporte: a bagagem cultural é uma língua universal ! Não é nem inglês nem francês: a cultura é de nós todos, universal !

XARÁ (calmo, contemplando uma camiseta que ele estende verticalmente diante. de si sem que os outros possam ver a figura) Tudo bem. Eu tou sacando o que vocês tão dizendo. O inglês que eu aprendi é mais importante que essa camiseta. Tou certo ou tou errado?

AURORA (que ainda não conseguiu ver a figura da camiseta) Vira a camiseta que eu digo, pó.

(Xará vira a camiseta para Aurora enquanto Alberto solta uma gargalhada)

XARÁ (ofendido pela gargalhada, para Alberto) Qual é, o, comedinha? Não tá vendo que o papo é sério não?

AURORA (espantada) É essa a tal...?

XARÁ A tal por que?

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

AURORA (simpática, enfática) Escuta, garoto: você quer que eu te diga se essa camiseta inglesa vale o inglês que você aprendeu, certo?

XARÁ Certo. OK !

AURORA Bom, se ela vale esse inglês ela tem que valer toda a experiência cultural que você teve em um ano de Europa...

XARÁ Certo. Continua...

AURORA (tomando fôlego) Ela ficou sendo equivalente, virou um símbolo, entende? Pra isso ela tem que ser única, você tem que admirar tanto ela até o ponto que ela fica sendo, entende?

XARÁ (impaciente) Eu admiro a porra da camiseta!

AURORA (agressiva) É isso, cara! Agora, sabe o que? Acho que eu nem vou te dizer de pena de você !

XARÁ (irritado) Pena de mim? O que, porra?

AURORA (ligeiramente histérica) Ah então tu vai saber! Sabe o que? Eu vi essa bosta! (Aurora agarra a camiseta e a examina gritando) Igualzinha! Igualzinha não: a mesma camiseta! Esta camiseta!!

XARÁ (chocado) Você viu uma camiseta... qualquer... Aonde?

AURORA Em Copacabana sim senhor, não foi na Inglaterra não! (Aurora virou a camiseta pela avesso e se aproxima da luz na mesma posição usada antes para ver as fotos com a intenção de ler um rótulo lateral miudinho. Ao ler, ela solta uma gargalhada sarcástica e faz um escarcéu) Camiseta inglesa !? Quáquáquáquáquáquá...!

XARÁ (furioso, arrancando a camiseta das mãos de Aurora) Qual é, ô, antropóloga babacona! Ficou maluca, é?

ALBERTO (enquanto Aurora ainda se contorce de rir) Não é inglesa?

AURORA (histérica) Santa Catarina! Produto de Santa Catarina! Brasil! Tá escrito aqui ! Lê!

XARÁ (furioso) Caguei pra Santa Catarina! Eu fui a Inglaterra e essa bosta é inglesa! Você não sabe porra nenhuma de nada!

ALBERTO (tentando acalmar Xará, enquanto o acesso de riso de Aurora vai-se invisivelmente transformando em choro) Tudo bem, que diferença que faz? Uma camiseta cinza com a torre de Londres o que que pode ser? Por um lado ela não pode ser mais inglesa, cara! (pegando e exibindo a-camiseta para todos, enfático) Eu desafio quem quer que seja a achar uma camiseta mais inglesa do que essa ! Pronto, porra, o mundo tá desafiado a achar uma camiseta mais inglesa. Será que isso tá acima? Do alcance, da civilização? (ligeiramente histérico) Que saco vocês ! Que que tem se o cú dessa camiseta foi tecido em Santa Catarina ou na puta que pariu? Eu já te disse mil vezes que o Arlindo, exatamente: comprou um sapato baiano em Los Angeles ! (Enquanto Aurora soluça baixinho. Xará, silencioso mas com raiva concentrada, começa a por em ordem a bagagem. Ele dobra certas peças de roupa e rejeita outras de forma que se torne evidente que ele está separando suas coisas e possivelmente já fazendo sua mala. Durante esse longo silêncio Alberto está perplexo e termina por tomar um bom gole de uisque)

ALBERTO (tentando quebrar o gelo) Vocês não acham isso engraçado não? Essa situação...

(Aurora recupera sua energia e resolve ir embora. Olhando fria e duramente diante de si, ela

vai rápida e inexoravelmente pegar sua bolsa e em direção à porta. Como um relâmpago. Xará intercepta Aurora no último instante)

XARÁ (colocando-se brutalmente em frente a Aurora, com ódio contido) Não sai mesmo que ninguém mandou. O que? Nem te fiz nada ainda e já vai saindo assim? (Ele agarra Aurora e a arrasta para longe da porta)

AURORA (berrando e reagindo como no dia do estupro) Socorro ! Me solta!

(Alberto intervém agarrando Xará pelas costas, Xará empurra Aurora que cai por terra enquanto se vira para dominar Alberto)

ALBERTO (gritando) Pára com isso!

XARÁ (dominando Alberto com uma chave-de-braço) Para com isso você! Caralho! (Ele solta e empurra Alberto por terra e se vira para encarar Aurora que já está de pé; ameaçador) Tu veio pra falar, agora vai falar. Dos teus grilos, do jeito que tu disse.

AURORA (orgulhosa e nervosa) Já era. Xará! Eu vou falar sim, posso falar, falo até torrar os bagos, cara: só que não é a mesma coisa não. Pode ficar tranquilo que não é a mesma coisa não ! (Alberto se levanta com alguns gemidos pois machucou um pouco o joelho ao ser jogado no chão. Ele manca pela sala e sai pela porta que dá para os quartos, curvado sobre si massageando-se em volta do joelho)

XARÁ (enfático) Não precisa ser a mesma coisa não! Mesma coisa o que? Tou chegando depois de um ano lá fora, ô Aurorinha, ô dragãozinho do meu coração... Tá entendendo? Acho que tu não entende: de repente eu sou o anormal mas tu que é burra! (Arremedando Aurora) 'Só que não é a mesma coisa..' (Mais calmo) Tou voltando de um aprendizado, porra. Um ano! Tu pensa que eu gostei daquela merda? Fiquei pra saber. Aurora, porque o Alberto tem cultura dentro da cabeça dele. Um ano dentro de igreja e museu, qual é a tua hein? Fiquei pra saber desses lance, pomba! E tu me recebe aí com não é mais a mesma coisa... Tou cem por cento regenerado, pó: será que a tua antropologia não dá pra tu sacar não?

(Aurora primeiro manteve uma postura de quem deseja ir embora mas aos poucos relaxou numa postura indiferente ainda que forte)

AURORA (estóica) Xará, eu te juro que não dá pra sacar. Palavra de mãe! Se você se regenerou nesse teu 'programa cultural' aí com o Alberto é só pra você e pra ele! Pelos menos aqui na nossa terra brasileira ninguém vai notar a mínima diferença! (agressiva) Chegou pior: mais facista ainda do que antes, de camiseta inglesa! (um pouco histérica, apontando para a camiseta no chão) O cocô de Santa Catarina!

(Xará fala com calma e frieza enquanto pega a camiseta do chão com intenção de vesti-la)

XARÁ (ligeiramente ameaçador) Eu não gostei foi que tu gritou...

AURORA (enfática) Cara, você me arrastando pelo chão. . .

XARÁ Eu não te machuquei: não era pra gritar!

AURORA (estóica) O garoto, quando é que cê vai aprender que as pessoas são seres humanos que tem reações... Existe uma vida emocional dentro das pessoas. Isso não é antropologia não: isso é a mais comum, primária psicologia ! Cada um sente dentro de si, cara: você não pode quebrar! O outro tem uma porta que você tem que tocar a campainha! (histérica, gritando) Não pode arrombar! Essa tua violência, filho da puta, tem que acabar! (Extremamente perturbada Aurora se senta, quase como que passando mal, sob o olha atônito de Xará. Entra Alberto ainda mancando)

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

ALBERTO (estóico, para Xará) Xará, por favor, eu quero te pedir isso sem grilo: pelo amor de Deus não grita porque vai pintar vizinho, vai pintar síndico, vai pintar porteiro... Se tivesse a vitrola botava um som bem alto Ce sabe que eu emprestei ela pró Guilherme...

XARÁ (infantil, como que perdido) Guilherme?

ALBERTO (secando as mãos num avental que traz nas mãos) É, o Billy... Irmão de quem você tá pensando... (Ele sai pela porta que dá para a cozinha)

XARÁ Ei, Alberto ! (mais alto) Alberto !

ALBERTO (aparecendo à porta) Que.

XARÁ (prosaico) E as fitas? Quer dizer que não dá pra ouvir elas não, minhas querida fitinhas?

ALBERTO (prosaico) Só se for na casa do Joca...

XARÁ (interessado) O Joca tem gravador?

ALBERTO (enfático, em voz baixa) Vê se fala numa boa com a Aurora. Olha só, cara... Por que que cê tá fazendo isso com ela? Ela tá sendo legal contigo. Qual é essa de derrubar todo mundo? Vai lá, cara. Ela veio até aqui te receber: você nem chegou, teve logo ela, tranquila, na maior, inteligente... Foi você que mandou ela chegar?: comigo tudo bem...

XARÁ Mandei, pó. E daí?

ALBERTO (carismático) E daí, vai lá. Fica com ela numa boa, cara. Será que cê não vê que ela é inteligente? Ela é super gente, Xará...

(Alberto sai novamente para a cozinha enquanto Xará vai sentar no sofá ao lado de Aurora que tem os cotovelos apoiados sobre as coxas e os olhos cobertos pela palma da mão esquerda. Há espaço no sofá em ambos os lados de

AURORA Xará, que parece mais humano e vulnerável que nunca, hesita. Ele escolhe de se sentar à direita de Aurora, do ponto de vista dos expectadores. Uma vez sentado e pela primeira vez sentidamente perplexo, ele busca sua nova maneira de abordar Aurora. Ele olha pensativamente aquele perfil de desespero. Chega o rosto muito próximo e chega a cheirar os cabelos de Aurora, encostando o nariz de maneira obviamente sentida. Não satisfeito ele se levanta e se senta desta vez à esquerda de Aurora. Depois de curta vacilação ele, com muita ternura, segura o pulso direito da antropóloga que esta pendente e lhe faz uma carícia de comovente pureza. Essa carícia continua e se desenvolve até que Xará, com a meiguice e espontaneidade de certos cães, coloca a cabeça contra o pescoço curvado e tenso de Aurora. Essa posição permanece durante longa pausa , até que Aurora muda de posição e, sem propriamente se afastar de Xará, ela relaxa as costas contra o encosto tirando a mão dos olhos. Sua expressão é de uma fadiga muito além do bem e do mal. Xará, sempre manso como um coelho e sempre alisando Aurora, consegue se instalar deitado no sofá com a cabeça no colo dela. Eventualmente, mais para o fim desse longuíssimo silêncio. Aurora quase imperceptivelmente começa a retribuir a carícia de Xará fazendo-lhe um discreto carinho no cabelo. Aurora, no entanto, não olha para Xará pois tem a cabeça contra o sofá mas a cara voltada para cima. Então começa novamente a tocar o telefone. Depois de tocar umas três vezes sem que Xará ou Aurora fizessem menção de atender, entra Alberto da cozinha com o avental vestido e uma colher de pau na mão)

ALBERTO (atendendo o telefone) Alô. Quem é? (pausa curta) Ah claro, com o Paulo, em São Paulo, certo? (Toda a conversa telefônica de Alberto deve contrastar com o idílico

repouso de Xará e Aurora no sofá) Claro, certo.(pausa) Umhum... Só é... (pausa) Mas claro: qualquer tipo de publicação. Nem é só publicação: qualquer coisa, cara, de comunicação só depende da distribuição. Cinema é o que? Distribuição ! (pausa curta) Justo, só aí., pó...(pausa olhando imparcialmente para o idílio no sofá) Mas olha, Alfredo, isso não dá pra resolver no telefone: se a coisa já chegou a esse ponto, se o Paulo e o Miguel tem mesmo essa urgência que você está falando, é melhor você vir até aqui falar comigo, (pausa curta) Claro, hoje mesmo: agora. (pausa curta) Tudo bem. A própria agitação da chegada não me deixa dormir mesmo. Pode vir direto: a gente um vinhozinho branco e vê... (pausa curta) OK, tou te esperando. (pausa mínima) Outro, tchau. (Ele desliga o telefone. Satisfeito, a colher de pau na mão, para Xará e Aurora, ligeiramente cômico) Estou fazendo uma macarronada: a la Florianópolis! Vamos ter uma comemoração de várias coisas...

XARÁ (para Alberto que está saindo para a cozinha, gaiato) Vinhozinho branco..?

(Xará, ainda jogado sobre o sofá, agora se senta polidamente ao lado de Aurora, toma-lhe as mãos galantemente e os dois se olham no fundo dos os olhos num espírito de profunda paz. Solícito, para Aurora) Claro que tu pode ver as fotos, coroinha minha. Sério, tenho nada pra te esconder não. (abrindo a mão e os braços para a bagagem) Tudo isso aqui é pra ver mesmo, pra mostrar na maior. (Xará se levanta ao dizer a frase precedente e volta ao chão para manusear a enorme bagagem. Ao fazer isso ele passa perigosamente perto do grande narguelê ou Cachimbo Aquático e chega até a toca-lo com a mão mas sempre como se não o tivesse visto. Ele tira mais algumas coisas de dentro das malas. Mostrando outra camiseta, espontâneo) Essa daqui também é inglesa. Quer dizer, pretende ser inglesa. (inocente) Será que toda camiseta inglesa vem de Santa Catarina, Aurora? (Como Aurora não responde e continua em sua espécie de transe alem do bem e do mal. Xará, dobrando a camiseta e colocando a dentro da mala vermelha que ele já vinha preparando, lhe pergunta em tom mais prosaico e premente) Cadê o albinzinho das fotos,Aurora? Onde que cê botou ele? (Aurora e joga para Xará o livrete de fotos que estiver mais perto dela. Xará examina o álbum. Tranquilo) Esse aqui não! O de Mykonos que eu quero. Cadê ele?

AURORA (procurando ao alcance de seus braços por entre objetos e roupas, tranquila) Tem outro por aqui...

XARÁ (mostrando um par de sapatos de tênis que acaba de tirar da mala, orgulhoso) Olha! Lindão, nê?

AURORA Legal. De onde?

XARÁ (informativo) São franceses comprados com francos franceses..! O maior barato.

AURORA (séria) Você vai fazer esporte?

XARÁ (mascarado) Tu sabe que eu sou bom de bola,né Aurorita? Não é por nada não mas o papai aqui defende um futebol responsabilidade. Já fui campeão de Duque de Caxias , se tu quer saber. Com doze anos. Tinha até um cara lá, um tal de António que queria me profissionalizar. Quer dizer, dar o preparo, né? Pra depois encarar um juvenil.

AURORA (séria) E publicidade?

XARÁ Publicidade o que?

AURORA (séria) Trabalho, Xará.. Ce pode ganhar dinheiro fazendo anuncio! O físico você tem, você é fotogênico: só não ganha dinheiro nisso se não quizer.

XARÁ (ligeiramente incrédulo) Deixando os outros me fotografar?

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

AURORA É.

XARÁ (gaiato) Nu?

AURORA (ligeiramente chocada) Claro que não, cara. (rápida) Mas isso não impede que você faça esporte. Na verdade você precisa do esporte. Pra dispendar a sua energia suplementar, excessiva.

XARÁ (curioso) Como?

AURORA O, pra citar pra você um artigo que saiu no jornal há uns tempos, de um grande psicanalista... me esqueço o nome dele... No JB...

XARÁ (com falsa inocência) É o jornal do uisque, né?

AURORA (séria e rápida) Não, não, isso é mera coincidência. Mas ouve só, Xará: esse artigo defendia a nossa raça, falava da exuberância natural do homem brasileiro ! Sabe como é? A tendência pra exagerar, o machismo, defendendo inclusive a 'exuberância': era justamente uma matéria sobre a violência.

XARÁ (inocente) Violência? (com a garrafa de JB na mão) Quer? Não é pra te interromper não, mas eu vou botar mais um pouquinho.

AURORA (estendendo o copo para Xará) Sabe o que que me grila?

XARÁ (servindo o copo de Aurora, peremptório) Tu tem muita resistência pra uma mulher. Aurora. Eu te admiro pra caralho. Eu te agradeço, agradeço a Deus de te botar no meu caminho. Vamos beber pra isso? (Xará adianta seu copo para o brinde)

AURORA (fazendo tim-tim com Xará) Pela nossa saúde e a saúde da verdade !

XARÁ (espontâneo) Pela nossa, é isso aí...

AURORA E o Alberto? (gritando em direção à cozinha) Alberto, vem brindar!

XARÁ (gaiato, gritando) Al-ber-to !

(Aurora, decidida a incluir Alberto no brinde, sai para a cozinha de copo na mão. Só no palco. Xará procura freneticamente o pequeno álbum de fotografias que ele próprio em sua raiva havia atirado para um canto. Sem ter certeza de que isolara o livrete exato que quer esconder, ele zanza por entre a bagagem e pela sala tentando reunir todos os livretes que são uns cinco ou seis. Ouvem-se risos de Alberto e Aurora na cozinha. Em sua busca Xará se depara com a pilha de livros que o Porteiro entregou no começo do segundo ato. Interrompendo a busca bruscamente ele toma um livro, abre no meio e lê durante alguns segundos. Num súbito acesso de raiva, talvez irritado pelo que leu. Xará arremessa a brochura contra o retrato de mulher que há na parede esquerda do cenário)

XARÁ (fazendo com o corpo todo um gesto obsceno diretamente para o quadro) Bucetão inchadão !

AURORA (entrando mas sem o copo de uisque, bem humorada) O Alberto tá fazendo um puta almoço! Ele ta perguntando se você não quer dar uma decidinha pra comprar duas garrafas de vinho rose nacional...

XARÁ (impaciente) Cadê a porra do livreto, hein, minha amiga? Vinho rose? Pergunta a ele se ele se esqueceu que eu só tenho dólar, pó. O barão já foi no taxi. O último barão: ele é que vai ter que ir no banco se não quiser ficar duro.

AURORA (bem humorada) Eu fui perguntar a ele de onde vinha o macarrão da macarronada a Ia Florianópolis... (rindo) Sabe o que que ele respondeu?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

XARÁ (indiferente) O que?

AURORA De um subúrbio de Florianópolis mas via Miami ! (rindo) Não é ótimo isso? (tentando se controlar e ficar séria) Vem o cara aí que convidou o Alberto pra ser crítico de uma revista nova, quer dizer, o patrão dele convidou. Eu vou descer pra comprar o vinho: eu disse ao Alberto que ia.

XARÁ (autoritário) Não ! Eu desço contigo mas daqui a pouco, deixa eu só te mostrar as fotos. Tou mesmo louco pra tomar um ar dessa cidade. Eu ia até botar uma praia. Aurora: com o tempo do jeito que ta e tudo !

AURORA (simpática, se aproximando e olhando Xará de cima a baixo) Ce podia ser professor de educação física, cara...

XARÁ (mostrando as primeiras fotos de um dos quatro livretos que tem na mão) Por que?

AURORA (examinando atenciosamente as fotos) Porque podia, uai. Ce entra no curso moleza. Sai profissional. Tranquilo, bem pago. Nivel universitário..

XARÁ (olhando as fotos junto com Aurora) Isso aí é tudo Portugal ! (apontando) Lisboa, Lisboa, Lisboa...

AURORA Ce gostou de lá?

XARÁ (condescendente) É... é legalzinho. Pelo menos eles falam brasileiro, gozado pra caceta mas falam. Comi uns brotinho manero, dei um pau num português lá... (excitado) Aurora: inacreditável !

AURORA (sobre a foto) E essa aqui ?

XARÁ Espanha.

AURORA (debochada) Ce deve ter adorado as touradas, né? Bastante sangue...

XARÁ (indignado) Eu? Qual é, Auroreta, ta me confundindo ou o que hein? Achei uma bela merda aquilo ! Judiação total. Porque aquilo que ele faz eu também fazia: não é nada de grande coisa enfiar uma espada no touro. Eu quis até sair no meio, fiquei por causa do Alberto. Vê se tu acha uma foto de tourada no álbum: não tem !

AURORA (fechando um livreto de fotos, séria) Agora me diz uma coisa. Xará, me responde uma coisa. Você ficou um ano, né, viu tudo isso, visitou não sei quantos países...

XARÁ Eu não fui a Estados Unidos, que eu queria ir...

AURORA Grécia... (maliciosa) Quer dizer, Mykonos...

XARÁ (enfático) Grácia, Atenas. O berço da civilização, manjo mesmo!

AURORA (séria) Tu fez uma puta viagem cultural: agora me responde uma pergunta.

XARÁ (impaciente) Tu nem viu nada ainda das fotos...

AURORA (abrindo um outro livrete de fatos mas sem olhar) Certo, eu tou vendo. Pelo jeito tem bastante coisa pra ver ainda. Mas o que que isso tudo significa pra você?

XARÁ (sério) O que? Claro que significa !

AURORA (insistente) Mas o que que significa? (enfática, simbólica, mostrando a sala coberta de bagagem) O que que você vai fazer dessa bagagem cultural que tá aqui, que é a sua bagagem cultural, na sua cabeça, que ficou desse ano todo viajando...?

XARÁ (desentendido, mostrando a mala vermelha) O que que eu vou fazer? Minha amiga,

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

tá vendo essa maleta? (enfático) Ela é pequena mas é minha, eu já tinha ela. Quer saber de uma coisa? Nem o Alberto sabe disso ! (abraçando a maleta) Essa maleta aqui foi do meu pai: ela não entrou na bagagem do avião, viajou comigo na cabine o tempo todo. Eu vou separar, vou não, estou separando os bagulho por razões práticas. (mostrando que já colocara algumas coisas na maleta) Os bagulho do Alberto é sagrado pra mim, se é isso que você quer saber...

AURORA (enfática) Não, mas eu falei da bagagem simbolicamente, na tua cabeça, cara. Tudo bem, você tem sua maleta de estimação, suas (camisas inglesas: até aí, né...

XARÁ Morreu Neves...

AURORA (lógica) Justo, morreu o Neves... E graças a Deus não foi você que matou.. (Ela faz um risinho seco, curto e sem graça)

XARÁ (sádico) Engraçado, eu devia de repente matar mesmo esse tal de Neves. Meter um chumbo na cabeça dele, de repente ficava tudo mais simples...

AURORA (insistente) Ficava, mas agora explica: alguma coisa dessa viagem tem que ter ficado na tua cabeça, alguma modificação: isso que eu quero saber, o que que isso significa em termos do teu futuro, do que você vai fazer agora, com a tua vida...

XARÁ (pensativo) O que que isso significa... Eu vou ganhar muito dinheiro coroa. Vou ser rico.

AURORA (indignada) Rico pra que? Você pensa que adianta alguma coisa, que muda alguma coisa, que vai limpar a merda dentro de você, é? Qual é a tua, hein garoto?

XARÁ (agressivo) A burguesona não gosta de bosta não, é? (cáustico, apontando para o próprio estômago) Não admite a bosta lá dentro não, é?

AURORA (irritada) Pára com isso, cara ! Para de falar besteira. (arremedando Xará) "Vou ser rico..." Que coisa bonita, né? (arremedando Xará novamente, desta vez chegando a um grotesco gutural simiesco) ' Vou ser rico...' (indignada) É ! É o grito de guerra do camaradinho Xará: ' Vou ser rico...' Sai pra lá, ô reacionário primário! Shô, gavião!

XARÁ (cáustico) Não, ò mamãezinha, sabe o que eu quero ser? Antropólogo também! Vou jogar no teu time, sacou? Você vai me ensinar pra eu entrar no curso. Por que não? Vamos estudar juntos, tá? Vou ser teu verdadeiro camarada!

AURORA (agressiva) Cara, tu não sabe nem mais dividir o que é sério da babaquice!

XARÁ (agressivo, gritando) É isso aí ! Divisão mesmo, da renda e do produto bruto! Bruto, entendeu? Bruto quer dizer tudo!

AURORA (histérica, berrando) Inclusive você, imbecil ! Tudo é inclusive você e a porra da tua bagagem cultural ! Você é que tem que ser dividido em vez de ser esse pedaço de pedra que você é! Se divide, camarada! Tá pensando que eu quero ver tuas fotos? Caguei pra teu Mykonos e teu berço da civilização ! Pra teu governo a civilização não ficou no berço não: ela cresceu! Cresceu até aqui no Brasil por incrível que pareça! E você tá aqui! Desoito anos na cara !

XARÁ (ofendido, cáustico) É, e a mamãezinha quer ajudar o marginal !

AURORA (furiosa) No cú ! Vim aqui pra falar do meu grilo, já te disse mais de mil vezes ! Eu esqueci que você só podia ser o porra louca que tu é, da licença?

XARÁ O que tu tem não é nem mais grilo: tu é doente, minha filha!

AURORA (furiosa) Sou, de querer negar a tua doença ! Tu pensa que eu vou segurar mais a

maluquice? Já era, cara ! Se pintar de novo polícia, vou te dedurar, cara! Vou dizer tudo cagando!

XARÁ (lívido, ameaçador) Dizer o que?

AURORA (furiosa) Tu fez desoito anos, garotinho. Existe um negocinho chamado lei : A imprensa quer saber e tem direito! Todo mundo quer saber por que!

XARÁ (ameaçador) Por que o que, merda?

AURORA (furiosa) Por que você matou Dona Lúcia ! Qual a tua causa jogando essa bomba! Por que você mutilou e cegou o outro cara!

XARÁ (que reagiu com um calafrio a cada uma das acusações e deu as costas para Aurora cerrando os punhos, patético) Você sabe que não era pra eles !

AURORA (furiosa) Não interessa pra quem era! Todo mundo quer saber é por que! Se é pela esquerda ou pela direita! Podia ser pró presidente da república! O próprio presidente da república te chamou de fascínora!

XARÁ (furioso) Caguei pro presidente da república!

AURORA (furiosa) Se pintar, eu vou dedurar contra a vontade que você se declarou comunista!

XARÁ (ultrajado) O que? Tu tá começando a me dar nojo!

AURORA (contudente) Eu segurei a barra de você ser perturbado porque eu vi o facismo na tua cara! Segurei sozinha mas não vou segurar mais: vou repetir as tuas declarações. Tu vai ser comunista no ano dois mil mas você declarou pra mim e não sou eu que vou segurar mais a sua barra! Querem saber, vão saber! Eu vim aqui pra saber isso: babaca de acreditar que tu ia reconhecer que foi nazista, que ainda nem começou a pensar !

XARÁ (que com movimentos raivosos começou a terminar de fazer a maleta, claramente com intenção de ir embora) Cala a boca, porra. Tua voz tá me deixando enjoado.

AURORA (agressiva) Você vai começar a pensar, ô maluco: se não for agora um dia vai !

XARÁ (arrumando coisas freneticamente, para si mesmo) Vou serrar é fora: sobe o morro, malandro! Distancia ! (para Aurora, pateticamente agressivo) Quer saber de uma coisa? Não tem lugar pra mim na macarronada de vocês não ! Um dia pode ser que tenha mas agora não ! Pobre não tem que comer não: se esconde numa boa !

AURORA Eu estudo, com sacrifício, pra encontrar o meu próximo. Não é a antropologia que enche barriga não! Eu tenho três filhos que estão me esperando agora, não é 'um dia' não! A gente é comunista pelos outros, não é matar e roubar não!

XARÁ Burro sou eu! Dar papo prum canhão que nem você! Mulher maneira não é cientista não! Ela é fiel, ali, lavando os pano. (Ele procura alguma coisa que não consegue achar) Merda! (dobrando cuidadosamente a primeira camiseta inglesa) Fui me abrir pra você, caralho. Fui pensar que a Aurora podia ser sincera... Tu tá certa, tá na hora de começar a pensar mesmo. Deixa comigo.

AURORA (frustrada) Parece que eu tou falando grego contigo.

XARÁ (terminando de arrumar a maleta depois de ter tirado vários objetos de uso pessoal da mala prateada passando-os, depois de curto exame, para a maleta vermelha) A música tá certa: se você fosse sincera... (Peremptório) Te dei o melhor que eu tenho, mulézinha: minha emoção, sensação do momento: coração. Fui otário de entrar numa que tu gostou de mim. De

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

repente quem foi preso foi o otário... AURORA (severa) E agora o otário é maior de idade, é responsável perante a lei !

XARÁ Por que que tu acha que eu fiquei lá encurralado naquela merda de escola de dança? Porque o meu olho mágico foi entrar direto nos cornos da putinha da antropóloga no meio da merda! Tua culpa sim. Tu me deu ponto no meio do esporro, de safada, e não vai dizer que não. Quem que ia me pegar ali sozinho, armado? Por tua sedução eu fui me meter a dar espetáculo!

AURORA (indignada) Cara, como é que tu tem a puta audácia de me dizer isso? Nem que tu não fosse assassino tu ia em cana só pelo que fez comigo ! Você me estuprou, ô anormal !

XARÁ Estuprei a puta que te pariu ! (tendo terminado a maleta) Passar bem, tá sabendo?! Pode dizer lá pró teu camarada Alberto que o Xará já era, evaporou, falou? (Ele dá mais uma olhada e procurada por entre a caótica bagagem e acaba de cara para o grande Cachimbo Aquático (narguelê) que estava em evidência durante todo o segundo ato mas que só agora ele parece ver. Ele examina com minúcia o cachimbo, cheira-o)

AURORA (cáustica) Não adianta que ele não cabe na maleta.

XARÁ (furioso) Alguém te perguntou alguma coisa?

AURORA (furiosa) Decadente ! Viciado !

XARÁ (aproximando-se de Aurora, agressivo, berrando) Cala boca, porra !

(Entra Alberto, ainda de avental, e intervém entre os dois)

ALBERTO (pacientemente indignado) Pára com essa berraria, vocês: pelo amor de Deus ! O cara vai chegar, pó, como é que eu vou ouvir a campainha ? Será que dá pra parar de gritar?

XARÁ (para Alberto, furioso) Não aceito essa ofensa dela, caralho. (para Aurora) Viciado é a mãe !

AURORA (histérica, apontando para o cachimbo aquático) Um de vocês comprou aquela bosta e um de vocês pagou o dinheiro !

ALBERTO (muito agitado) Eu fui contra, Aurora! Eu sou e sempre fui contra todo e qualquer tipo de droga proibida ! (cáustico) Já chega a bosta do uisque que vocês só tão virando numa boa... Cês tão bêbados, pô. Faz favor de cair e dormir antes de chegar a visita. O cara vem aqui a trabalho, não é pra ouvir comício não !

AURORA (histérica, para Alberto) A trabalho mas não sou eu que moro com assassino dentro de casa não ! Vê se me abre aquela porta que eu quero ir embora daqui !

ALBERTO (furioso) Eu não tenho o hábito de prender ninguém não ! Muito pelo contrário. (Ele vai se dirigir para a porta mas é impedido por Xará que arrogantemente o agarra e o coloca em seu lugar longe da porta)

XARÁ (segurando Alberto firmemente em seu lugar; agressivo, para Aurora) Vou deixar tu ir embora, coroôna. (Soltando Alberto e dirigindo-se agressivamente para Aurora) Tu pode ir embora mas antes tu vai declarar coisa...

AURORA (agarrando uma sólida banquetta que estava à mão, levantando-a decidida a defender-se de Xará; selvagem) Me deixa, nazistinha drogado !

XARÁ (acuando Aurora aparentemente sem medo do banco com que Aurora o ameaça) Puta !

ALBERTO (agarrando o Cachimbo e intervindo entre os dois com o Cachimbo nas mãos)

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

permanece simplesmente estupefato. Para os três personagens, agressivo) Sabe de uma coisa? Eu não preciso dessa porra dessa bagagem não! (Abrindo a maleta e arremessando o conteúdo pelo ar em direção, um por um, a cada um dos três personagens e também atira um par de calças para frente e para o alto de forma que vá cair sobre a plateia) Vocês ficam com a bosta da bagagem cultural : Camisa inglesa. Santa Catarina, pode dobrar e enfiar tudo! No rabo! (Com a maleta vermelha ainda na mão) E também não quero mala vazia não, caralho! (atirando a maleta vazia perigosamente sobre Alberto; autoritário) Guarda essa merda, Alberto! (Ele dá meia volta , e sai imediatamente sem nem olhar se a maleta atingiu Alberto ou não. Segue-se uma pausa curta e imóvel mas que, dada a extrema rapidez com que se desenrola o diálogo da crise final, deve parecer bem longa. Alberto se dirige rapidamente para a porta deixada aberta por Xará e fecha-a sumariamente. Sempre muito rápido, ele sai pela porta que dá para a cozinha, e volta um segundo depois abanando a cara, tossindo e imitando bem o som de quem vomita. Aurora solta o banco e, mancando e segurando com as mãos o lado em que foi mais seriamente contundida, ela se arrasta para o sofá. O Porteiro, ao sentir que algo ruim aconteceu no cozinha, faz menção de se dirigir para lá, mas, no mesmo instante se dá conta de que Aurora está seriamente machucada e se dirige solícitamente para ela.

ALBERTO (que voltou da cozinha com a chave da porta da frente na mão e dando duas voltas na fechadura) Foi só o macarrão que queimou. Já apaguei. (Caminhando por entre a malfadada bagagem para vir assistir Aurora. Vendo que Aurora tenta esconder os machucados do Porteiro que tenta ajuda-la) Ce não tá legal, Aurora. Deixa a gente ver isso.

(Aurora começa a chorar abundantemente. Alberto examina os machucados)

ALBERTO (afagando Aurora, espontâneo) Você deu nele também. E muito. E eu sei que ele sentiu porque eu conheço o jeito dele fingir. Você podia ter matado ele com aquele banco. Teve uma hora que eu cheguei a pensar que ia acabar em tragédia mesmo. Mas, graças a Deus você se controlou. Você tem coragem pra dar e vender. (Aurora chora ainda mais alto; Alberto examina a contusão principal de Aurora; sério) Eu vou te levar no Miguel Couto, Aurora. Agora.

AURORA (levantando-se energicamente, parando de chorar e tendo somente uma mão segurando o lado da contusão; forte) Tudo bem, Alberto. Pode deixar que eu tenho minha força. Pelo menos aquele desgraçado já foi !

(O telefone começa a tocar)

ALBERTO Isso tá tudo inchado já, Aurora. Vamos lá rapidinho fazer uma radiografia.

PORTEIRO A Sra. está machucada. (Ele tenta pega-la pelo braço e faze-la deitar) Não deve levantar não. Eu vou ligar, Dr.Alberto: eles mandam uma ambulância num instantinho buscar a Sra. Um assalto desse tem que ser registrado. Na polícia também ! (Aurora abana a cabeça negativamente para o Porteiro enquanto se curva em duas de dor)

ALBERTO (ao telefone) Alô ? (pausa curta; rápido e urgente) Miguel meu querido, me desculpa mas eu vou te ligar daqui a dez minutos, não dá preu falar contigo agora, (pausa curta; nervoso) Deve estar estourando aqui: eu te ligo já! (pausa curta; nervosíssimo) Tem razão, diz aí. (Procurando nervosamente uma caneta enquanto olha para Aurora que geme de dor e que, finalmente aceitando a ajuda do Porteiro, se deita outra vez no sofá) Pera aí, Miguel, que eu vou buscar uma caneta. (Ele revolve nervosamente a valise Vuitton em busca de caneta)

PORTEIRO (rápido, saindo para a cozinha) Eu vou molhar um pano n'agua fria para a senhora !

ALBERTO (que acaba de virar todo o conteúdo da valise no chão sem achar o que precisa; urgente, para o Porteiro que sai) Waldir, vê se tem lápis ou caneta na cozinha! (Precipitando-se para a porta que dá para os quartos e saindo; à parte) Eu não aguento mais, pó, primeiro dia...

PORTEIRO (que entrou logo que Alberto saiu, colocando uma compressa de água fria improvisada sobre a testa de Aurora) Deixa assim sem mexer que eu vou buscar gelo pra esfriar mais. (Saindo para a cozinha enquanto Alberto entra com a caneta que finalmente achou; solícito) O Sr. achou, Dr. Alberto?

ALBERTO (para o Porteiro) Já. (ao telefone) Vai, Miguel! (pausa curta) Alô ! Miguel?! (Faz uma expressão de extrema impaciência revirando os olhos aos céus; pausa curta) Isso, pode dizer! (pausa mínima, rápido) 2272120 , 011, claro, té já! (Ele desliga o telefone sem dar chance ao interlocutor, coloca o fone no gancho e, como que repreendendo o aparelho:) Eu ainda tou na Europa, saco !

(Alberto dirige-se para Aurora, levanta a compressa de sua testa para testar á temperatura: primeiro a da compressa depois a da testa. O Porteiro entra com dois cubos de gelo num pires e quer colocar um diretamente sobre a compressa)

ALBERTO (impedindo o Porteiro de colocar o gelo sobre a compressa) Não, tá bom já, tá frio o pano... (Examinando o lugar da contusão pior) O negócio é aqui!

PORTEIRO (dirigindo-se para o telefone, urgente) O número da emergência do Miguel Couto...

AURORA (levantando-se novamente, empurrando Alberto que tentou impedi-la mas logo depois apoiando-se em Alberto) Não! Eu vou pro Miguel Couto, pode deixar que eu já sei que deve ter mesmo costela quebrada, pela dor eu tenho mesmo que ir. Mas ambulância não, não precisa. (andando pela sala decididamente) Eu tou andando perfeitamente, tomo um táxi e vou.

ALBERTO (decidido) Eu vou contigo, tá certo: vamos de táxi!

PORTEIRO (procurando freneticamente na lista telefônica) A ambulância é melhor dona. Um instantinho pra lhe buscar !

AURORA (enérgica, pedindo) Não, eu vou sozinha, eu quero ir sozinha, Alberto, pelo amor de Deus, eu tou andando bem !

PORTEIRO Um assalto desse tem que ser registrado, autuado. Eu vou dar parte na décima terceira...

AURORA (caminhando sozinha em direção à porta, gritando) Não ! Da parte de nada, eu tenho é que ir logo pra esse hospital, (à parte) Desgraçado ! O covarde me arreventou toda ! (para o Porteiro) Moço, por favor me arranja um taxi lá em baixo. Me ajuda a descer, (tentando abrir a porta da frente) Alberto, abre aqui pelo amor de Deus...

ALBERTO (nervoso, procurando a chave da porta nos bolsos) Aurora, eu vou contigo. Chega na porta eu volto: eles não deixam ninguém entrar lá dentro de qualquer jeito.

AURORA (para Alberto que afinal abre a porta) Não ! Me promete que você não vem atras de mim ! Eu vou pedir pra chamar meus filhos de lá, pó, vou inventar uma história, não compiica a minha vida ainda mais não!

ALBERTO (nervoso, para o Porteiro, peremptório) Você vai com ela no taxi, Waldir. E fica até a família dela chegar. Eu te dou um bom dinheiro por isso.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação

PORTEIRO (solícito, ajudando Aurora e desaparecendo com ela) Não posso aceitar não, doutor. Na necessidade assim é a obrigação da gente mesmo.

AURORA (reaparecendo parcialmente à porta, encoberta pelo vulto de Alberto) A bolsa, Alberto! Pega, que tem dinheiro. Ai, como dói ! (Segurando visivelmente com a mão a costela quebrada enquanto Alberto se precipita à procura da bolsa. Alberto revolve a bagagem nervosa e caôticamente sem conseguir achar a bolsa de Aurora) Atrás do sofá, Alberto. Vê se tá. Aiiih ! O filho da puta me quebrou... Chamou o elevador, Waldir?

PORTEIRO (reaparecendo por trás de Aurora e segurando-a) Eu tenho pro taxi. Dona Aurora. Depois a gente procuramos a bolsa da senhora!

(Aurora e o Porteiro desaparecem novamente em direção ao elevador)

ALBERTO (encontrando a bolsa de Aurora no meio da bagagem) Achei !

(Ele se precipita e sai com a bolsa atrás dos outros)

VOZ DE ALBERTO (comovido) Me dá seu telefone ao menos. Aurora !

VOZ DE AURORA (enérgica) Não ! Deixa que eu volto aqui pra te ver. Eu não tenho telefone! Mas eu volto: o fascínora também vai voltar, cê vai ver. Não se esquece que ele deixou a mala aí contigo. Cavalos ! Tchau, Alberto!

VOZ DO PORTEIRO Houve roubo, doutor?

VOZ DE ALBERTO (gritando, dando a entender que a porta do elevador já fechou) Não vai dar parte de nada, Waldir ! Explica pra ele, Aurora! (pausa; berrando para seu ouvido três andares abaixo) Waldir! Waldir!! (Entra Alberto depois de desistir de berrar escada a baixo; ele zanza nervosamente pelo cenário, depois se ajoelha juntando nos braços o maior bolo de roupa que consegue e joga tudo na grande mala preta que esta aberta. Sempre rápido, Alberto vai recolher o Cachimbo que jaz em algum canto e coloca-o na mala aberta em cima do monte de roupa. Ele aí começa a arrastar a mala, puxando com a mão direita e pressionando o cachimbo com a esquerda contra o monte de roupa para que não caia. Quando a mala já está próxima da porta que dá para os quartos, Alberto se lembra de algo e, como um raio, corre para a boca de cena à direita do ponto de vista dos expectadores e abre uma janela imaginária que daria para a rua. Gritando) Waldir ! Waldir !

FITA NO FUNDO DA SALA COM A VOZ DO PORTEIRO (respondendo à distância) Senhor!

ALBERTO (berrando com grande urgência, debruçado na janela imaginária, diretamente para os expectadores da primeira fila daquele lado) Leva ela até em casa! (gritando bem claro, separando as sílabas) Acompanha ela pra casa! Casa dela, ouviu? (Inclina a cabeça a espera de resposta que não vem; berrando ainda mais alto) O Waldir...! (Dando a entender pelo foco do olhar que o taxi já se foi mas ainda berrando como se pudesse ser ouvido) Vem uma visita aqui agora, tudo bem...

(Ele continua debruçado com o olhar perdido para o lado em que o taxi desapareceu durante uma pausa em que tamborila nervosamente com os dedos da mão direita. De repente ele cai na realidade, contempla o cenário e a urgência de por ordem antes que a visita chegue. Ele se precipita para a mala negra que jaz perto da porta que dá para os quartos e, rapidíssimamente, termina de arrasta-la para fora de cena, aberta mesmo com cachimbo e tudo. No momento em que Alberto desaparece o telefone começa a tocar mais uma vez)

ALBERTO (entrando, nervoso, para o telefone que por enquanto só tocou apenas uma vez)

Agora tu vai esperar, pó ! (Freneticamente Alberto cata pelo chão no lugar onde havia entornado a valise Vuitton em busca da pílula tranquilizante que deseja tomar antes de atender o telefone. Acha a caixinha, tira a lâmina, pega a grande garrafa de JB que entretanto já esta completamente vazia, segura-a de cabeça para baixo para certificar-se de que está de fato vazia. Nem uma gota parece sair da garrafa mas Alberto insiste, tira a pílula da lamina, coloca-a bem no fundo da boca já praticamente na garganta e tomando a garrafa de uisque vira-a verticalmente sobre

si , o gargalo na boca, e consegue engolir a pílula só com saliva e a hipótese de ainda descer uma gota do uisque. Tudo isso se passa muito rápido pois quando Alberto finalmente atende o telefone este só tocou no máximo cinco vezes. Ele atende o telefone, sente a pílula no estômago com a outra mão e, rápido, faz uma expressão de profunda tranquilidade) Alô. (eufórico) Cara! Que barato! Se eu fosse contar com você no aeroporto tava fodido ! (Rindo muito) E aí? Maravilha! Vem já pra cá! (pausa) Que tá esperando um filho, você? (pausa curta) Ah bom! (pausa curta) Foi ótimo, só não tou curtindo esse tempo, né? Adivinha: vou trabalhar! Uma revista nova chamada 'A Comédia', depois te conto tudo. (pausa curta) Não, não é a divina não, espero que não pelo menos: não precisa divina... (As luzes começam a diminuir; pausa) Você vem? Vem um cara aqui falar comigo... (pausa curta) O Xará? Tá ótimo, saiu. Escuta, vem logo, a gente almoça: eu quiz fazer um macarrão mas queimou... (pausa curta) Claro. (pausa) O que? As 'Histórias do Subúrbio'? Claro! (pausa curta) Claro,

homenagem a Machado de Assis, só que o dele era 'História dos Subúrbios', uma história só e vários subúrbios. (pausa curta) Como qual subúrbio? Olha, eu ainda nem escolhi... (As luzes já diminuíram muito, talvez reduzidas a um fraco spot sobre Alberto ao telefone, ficando óbvio para o público que o espetáculo vai terminar; pausa) Justo, no fim do Dom Casmurro. Tem a ver porque é toda aquela transação da traição, Capitú, o melhor amigo, já pensou? (pausa curta) O maior escritor brasileiro: um negro! (pausa) Claro, e eu também me sinto traído... Vamos à história, não às histórias do subúrbio... (Rindo) Só falta mesmo escrever... (Rindo muito, pausa) Foi sua idéia... Foi sua idéia.

(Na obscuridade fica óbvio que se chegou ao FIM)

FIM.

Crime sem castigo, ou, A reabilitação